ANTON TCHEKOV

AS TRÊS IRMÃS

Peça em 4 atos

Anton Tchekov

1860-1904

AS TRÊS IRMÃS

Три сестры, 1901

Drama em 4 atos

PERSONAGENS

PROZOROV, ANDREI SERGUÊIEVITCH

NATALIA IVANOVNA, sua noiva, depois esposa

OLGA, MACHA E IRINA, irmãs de Andrei Serguêievitch

KULIGUIN, FIODOR ILITCH, professor de liceu, marido de Macha

VERCHININ, ALEKSANDER IGNATIEVITCH, tenente-coronel, comandante de artilharia

TUZENBACH, NIKOLAI LVOVITCH, barão, primeiro-tenente

SOLIONII, VASILII VASÍLIEVITCH, capitão

TCHEBUTIKIN, IVAN ROMANITCH, médico militar

FEDOTIK, ALEKSEI PETROVITCH, tenente

RODE, VLADIMIR KARLOVITCH, tenente

FERAPONT, velho contínuo da municipalidade

ANFISSA, velha babá, tem oitenta anos

AÇÃO SE DESENROLA NUMA CAPITAL DE PROVÍNCIA

PRIMEIRO ATO

UMA SALA NA CASA DOS PROZOROV. ENTRE SUAS COLUNAS SE DIVISA A SALA DE JANTAR. É UM MEIO-DIA ENSOLARADO E ALEGRE. NA SALA DE JANTAR ESTÃO PONTO A MESA PARA O ALMOÇO.

OLGA, VESTINDO O UNIFORME AZUL DAS PROFESSORA DE LICEU, CORRIGE, SENTADA OU ANDANDO, OS CADERNOS DE SUAS ALUNAS. MACHA, DE VESTIDO NEGRO, ESTÁ SENTADA COMO CHAPÉU SOBRE OS JOELHOS E LÊ UM LIVRO. IRINA, DE ROUPA BRANCA, ESTÁ DE PÉ JUNTO À JANELA, IMERSA EM PENSAMENTOS.

OLGA

— Hoje faz um ano exato que morreu nosso pai, dia 5 de maio, dia da sua santa, Irina. Fazia muito frio e nevava. Eu pensava que não iria sobreviver, e você, desmaiada, esta estendida aqui no chão como um cadáver. Porém desde então se passou um ano, e já podemos recordá-lo de coração leve, você já se veste de branco e tem o rosto iluminado. (O relógio bate doze horas) Também então o relógio bateu. (Pausa) Lembro-me, quando levaram nosso pai tocava uma banda militar e no cemitério disparou-se uma salva de tiros. Ele era general, um general de brigada, e mesmo assim havia pouca gente. Talvez por causa da chuva. Chovia forte e também nevava....

(ATRÁS DAS COLUNAS, NA SALA DE JANTA, APARECEM JUNTO À MESA O BARÃO TUZENBACH, TCHEBUTIKIN E SOLIONII.)

OLGA

— Hoje faz calor, as janelas estão abertas, mas ainda não apareceram brotos de bétulas. Faz onze anos que nosso pai recebeu a sua brigada e nós deixamos Moscou, mas eu me recordo perfeitamente. Nesta época, começo de maio, em Moscou já está tudo florido, faz calor, os raios de sol inundam toda a cidade. Passaram-se onze anos, mas me recordo de tudo, tintim por tintim, como se tivéssemos deixado Moscou ontem. Meu Deus! Quando acordei hoje de manhã e vi toda esta luz, a primavera, meu coração se encheu de alegria e desejei ardentemente estar em minha cidade natal.

TCHEBUTIKIN

— Que nada!

TUZENBACH

— Claro, que bobagem! (Macha, pensativa, a cabeça inclinada sobre o livro, assobia suavemente uma canção)

OLGA

— Não assobie, Macha. Como pode fazer isso? (Pausa) Desde que vou ao liceu todos os dias e à noite dou aulas particulares, tenho constantes dores de cabeça e fico pensando que já estou velha. E de fato, nesses quatro anos de liceu sinto minha juventude e minhas forças escapando-me dia a dia, gota a gota. E anseio cada vez mais e mais...

IRINA

— Que mudemos para Moscou! Vendamos a casa, deixemos tudo e partamos para Moscou.

OLGA

— O quanto antes! (Tchebutikin e Tuzenbach riem)

IRINA

— Nosso irmão seguramente se tornará professor universitário, então não irá ficar mesmo aqui. Só a pobre Macha vai continuar aqui.

OLGA

— Macha nos visitará todos os anos para passar o verão em Moscou. (Macha assobia suavemente uma canção)

IRINA

— Tudo se ajeitará, se Deus quiser. (Olha pela janela) Que beleza de dia! Não sei por que brilha tanta luz no meu coração. Quando lembrei hoje pela manhã que era o dia da minha santa, fiquei feliz de repente e recordei a infância, quando mamãe ainda viva... Ai, os pensamentos maravilhosos que me invadiram!

OLGA

— Hoje você está radiante e belíssima. Macha também está belíssima. Andrei seria também garboso, mas engordou muito e isso não lhe fica bem. Eu porém envelheci um bocado e emagreci, decerto por causa das discussões com as alunas. Hoje, por exemplo, que é o meu dia de folga, estou aqui e a cabeça não dói, sinto-me mais jovem que ontem. Estou com vinte e oito anos, mas... Está tudo bem, tudo é a

vontade de Deus, mas sabe-se lá, se me casasse e passasse o dia em casa seria melhor. (Pausa) Eu amaria o meu marido...

TUZENBACH (a Solionii)

— O senhor diz tanta bobagem que nem vale a pena escutá-lo (Entra na sala) Esqueci de avisar-lhe que Verchinin, o novo comandante de artilharia, virá fazer-lhe uma visita hoje. (Senta-se diante do piano)

OLGA

— Estamos encantadas.

IRINA

— Ele é velho?

TUZENBACH

— Não muito. Anda no máximo pela casa dos quarenta, quarenta e cinco. (Toca piano suavemente) Parece ser um sujeito simpático. Que ele não é burro, isso é certo. Apenas fala muito.

IRINA

— É um homem interessante?

TUZENBACH

— Bem, é. Mas tem mulher e sogra e duas filhas pequenas. Convém dizer também que se casou pela segunda vez. Nas visitas, que aliás faz amiúde, conta que tem mulher e duas filhas. Também aqui ele vai contar. A mulher parece ser um pouco desmiolada, usa longas tranças, como uma menina, se expressa com frases complicadas e muita filosofia, e frequentemente tenta o suicídio, decerto para aborrecer o marido. Eu há muito já teria abandonado essa mulher, mas ele a aguenta e apenas se lamenta

SOLIONII (entra na sala na companhia de Tchebutikin)

— Com uma mão levanto só um pud e meio, mas com as duas chego a levantar cinco ou até seis pudes. Sendo assim, concluo que dois homens têm não apenas o dobro de força de um, mas pelo menos o triplo.

TCHEBUTIKIN (andando, lê um jornal)

— Contra queda de cabelos... dissolver dois gramas de naftalina em meia garrafa de álcool...Friccionar todas as noites... (Anota em sua caderneta) Tomaremos

nota disso (A Solionii) Preste atenção. Empurramos a rolinha no frasco. Um tubinho de cidro a atravessa. Depois, pegamos uma pitada do mais simples, do mais comum dos alumes...

IRINA

— Ivan Romanitch, caro Ivan Romanitch!

TCHEBUTIKIN

— Que é, minha filhinha, minha alegria?

IRINA

— Diga-me, por que estou tão feliz hoje? Como se navegasse num veleiro,acima da minha cabeça o distante céu azul, e grande pássaros brancos circulando ao meu redor. Por que é assim? Por quê?

TCHEBUTIKIN (beijando-lhe as mãos, carinhosamente) — Meu passarinho branco.

IRINA

— Hoje, quando despertei, levantei-me e tomei banho, de súbito me pareceu que tudo no mundo estava tão claro e eu sabia como se deve viver. Querido Ivan Romanitch, eu sei tudo. O homem deve se esforçar, trabalhar com o suor do rosto, quem quer que seja, e só nisso reside o sentido e objetivo da vida, a nossa felicidade e o nosso prazer. Como é bonita a vida do operário que se levanta de madrugada e quebra pedra na estrada, ou do pastor ou do professor que ensina a criança, ou do maquinista na ferrovia... Meu Deus! Tem muito mais valor não apenas o homem que trabalha, mas o boi também, e o cavalo de carga, do que uma jovem casada que acorda ao meio-dia, tem seu café da manhã servido na cama, demora duas horas para se aprontar... Ai, como isso é terrível! Só o calor do verão é capaz de nos deixar tão sedentos quanto a sede que eu tenho hoje de trabalhar. E se de agora em diante eu não levantar cedo e não trabalhar, negue-me, Ivan Romanitch, a sua amizade!

TCHEBUTIKIN (ternamente)

— Negarei. Negarei.

OLGA

— Nosso pai nos acostumou a levantar às sete horas. Agora Irina acorda às sete horas, mas permanece na ama até as nove, pelo menos, pensando sem parara em não sei o quê. E com uma cara tão séria! (Ri)

IRINA

— Você está acostumada a me considerar uma menina e agora estranha o meu rosto está sério. Tenho vinte anos!

TUZENBACH

— Eu compreendo – e como! – que as pessoas desejem trabalhar. Em toda minha vida nunca trabalhei. Nasci na fria e indolente São Petersburgo, numa família que nunca soube o que era trabalhar e nunca conheceu provações. Recordo-me, quando voltei para casa depois da academia militar, era o lacaio quem me tirava as botas; naquela época eu era cheio de caprichos, porém a minha mãe me olhava maravilhada e ficava admirada se os outros não me vissem do mesmo modo. Preservaram-me do trabalho. Porém, não conseguiram me afastar dele por completo. É chegada a hora, já se aproxima, uma imensa e saudável tempestade está por vir, já está a caminho, daqui a pouco chegará aqui e afugentará da nossa sociedade a indolência, a indiferença, o preconceito contra o trabalho, o tédio putrefato. Trabalharei. Daqui a vinte e cinco ou trinta anos todos os homens trabalharão. Todos!

TCHEBUTIKIN

— Eu não trabalharei.

TUZENBACH

— O senhor não conta.

SOLIONII

— Daqui a vinte e cinco anos o senhor já não estará mais entre os vivos, graças a Deus. Dentro de dois ou três anos terá um derrame e morrerá. Ou num dia em que eu estiver de mau humor simplesmente lhe darei um tiro na cabeça, meu anjo. (Tira do bolso um frasco de perfume e o borrifa no peito e nas mãos.)

TCHEBUTIKIN (Ri)

— De fato, nunca na vida fiz nada. Desde que terminei a faculdade não movi mais um só dedo, não li um único livro, apenas o jornal (Tira do bolso outro jornal) Eis um... Pelos jornais, sei, por exemplo, que existiu um tal Dobroliubov, mas o que ele escreveu, isso já não sei. Só Deus sabe! (Ouvem-se golpes no assoalho, vindos do andar de baixo) Ah, estão me chamando em baixo, alguém veio me ver. Volto logo, adeus. (Retira-se apressado, cofiando a barba.)

IRINA

— Está tramando algo.

TUZENBACH

— Sim. Tinha uma cara muito solene ao sair, decerto voltará com um presente para as senhoras.

IRINA

— Ai, que desagradável.

OLGA

— Sim, é terrível. Sempre está às voltas com essas bobagens.

MACHA (levanta-se e cantarola em voz suave) "Junto ao mar há um carvalho, uma corrente de ouro pende de seus galhos... uma corrente de ouro pende de seus galhos..."

OLGA

— Macha, hoje você não está alegre. (Macha, sempre cantarolando, põe o chapéu) Aonde vai?

MACHA

— Para casa.

IRINA

— Que estranho.

TUZENBACH

— Não vai ficar para o almoço festivo?

MACHA

— Tanto faz... À noite dou um pulo aqui. Adeus, querida. (Beija Irina) Desejo-lhe, de novo, saúde e felicidade. Em outros tempos, quando nosso pai ainda vivia, nos dias de santo vinham sempre trinta ou quarenta oficiais nos visitar e faziam muita algazarra, um grande rebuliço. Hoje temos aqui apenas uma pessoa e meia e reina um silêncio sepulcral. Bem, vou indo. Hoje me sinto melancólica... estou de mau humor, mas agora adeus, minha querida, vou sair por aí...

IRINA (contrariada) — Ai, como você é...

OLGA (entre lágrimas)

— Eu a compreendo, Macha.

SOLIONII

— Quando um homem filosofa, faz filosofística, ou digamos, sofística. Mas se uma – ou duas – mulheres filosofam... isso é, senhores, como se ladrassem à lua.

MACHA

— Como o senhor é terrivelmente desagradável. O que quer dizer comisso?

SOLIONII

— Nada... "Volta-se e estarrecido diz 'Ai': era um urso que o seguia..." (Pausa)

MACHA (a Olga irritada) — Não chore!

(ENTRAM ANFISSA E FERAPONT; ESTE TRAZ UM BOLO)

ANFISSA

— Por aqui, por aqui, paizinho. Vá entrance, está com os pés limpos (A Irina) Vem da prefeitura, da parte de Mikhail Ivanovitch Protopopov. É um bolo.

IRINA

— Obrigada. Diga-lhe que agradeço (Apanha o bolo)

FERAPONT

— O que disse?

IRINA (em voz mais ala) — Agradeça a ele!

OLGA

— Babá, dê-lhe pastel. V, Ferapont vai ganhar pastel

FERAPONT

— O que disse?

ANFISSA

— Vamos, Ferapont Spiridonitch, vamos! (Ambos saem)

MACHA

— Não gosto desse Protopopov, ou Mikhail Potapovitch, ou Ivanitch, ou sei lá o quê. Ele não deve ser convidado.

IRINA

— E eu não o convidei.

MACHA

— Então está bem.

(ENTRA TCHEBUTIKIN, SEGUIDO POR UM SOLDADO QUE CARREGA UM SAMOVAR DE PRATA. OUVEM-SE EXCLAMAÇÕES DE ASSOMBRO E REPROVAÇÃO)

OLGA (cobre o rosto com as mãos)

— Um samovar! É terrível! (Entra na sala de jantar e se dirige à mesa)

IRINA

— Querido, querido Ivan Romanitch, o que o senhor aprontou?

TUZENBACH (ri)

— Não disse?

MACHA

— O senhor não tem vergonha, Ivan Romanitch?

TCHEBUTIKIN

— Minhas queridas, vocês são as únicas pessoas, as mais caras que eu tenho neste mundo. Em breve vou completar sessenta anos, sou um velho, um velho solitário e imprestável. Nada mais de bom resta dentro de mim, salvo o amor que lhes devoto. Se vocês não gostassem de mim, já há muito estaria morto. (A Irina) Minha querida, minha filhinha. Conheço-a desde o dia em que nasceu, carreguei-a nos braços... e amava a sua falecida mãe.

IRINA

— Mas para que esse presente caro?

TCHEBUTIKIN (entre lágrimas, zangado)

— Presente caro, pare com isso! (Ao soldado) Suma-se daqui com esse samovar. (Imitando-a) Presente caro... (O soldado dirige-se com o samovar à sala de jantar.)

ANFISSA (Atravessa a sala)

— Minhas flores, um coronel desconhecido está lá fora. Já tirou o capote e vem vindo. Irinuchka, seja amável e carinhosa com ele! (Ao retirar-se) Puxa, já é hora de almoçar! Ai, meu Deus.

TUZENBACH

— Deve ser Verchinin (Entra Verchinin) O tenente-coronel Verchinin.

VERCHININ (a Macha e Irina)

— Tenho a honra de me apresentar: Verchinin. Muita, mas muita satisfação mesmo, em vê-las. Como cresceram!

IRINA

— Sente-se, por favor, estamos encantadas.

VERCHININ (em tom jovial)

— Estou muito contente. Mas as senhoras são três irmãs, não é mesmo? Recordo-me de três menininhas. Já não me lembrava mais dos rostos, mas sei que seu pai, o coronel Prozorov, tinha três filhinhas, disso me recordo perfeitamente, eu as vi com os meus próprios olhos. Como o tempo passa! Como o tempo passa!

TUZENBACH

— Aleksander Ignatievitch é de Moscou.

IRINA

— É de Moscou? O senhor é de Moscou?

VERCHININ

— Sim, sou. O seu falecido pai era comandante de artilharia e eu servia como oficial na mesma brigada. (A Macha.) Agora me parece que me lembro do seu rosto.

MACHA

— Eu não me lembro do seu.

IRINA

— Olga! Olga! (Grita em direção à sala de jantar) Olga, venha aqui! (Olga entra na sala, vinda da sala de jantar) Descobrimos que o tenente-coronel Verchinin é de Moscou.

VERCHININ

— Então a senhora é Olga Serguêievna, a mais velha. E a senhora é Maria... e a senhora é Irina, a mais nova...

OLGA

— O senhor é de Moscou?

VERCHININ

— Sou. Estudei em Moscou e foi lá que entrei para o exército. Servi durante longo tempo em Moscou, por fim recebi o comando dessa artilharia e mudei-me para cá, como vêem. Na verdade me lembro pouco das senhoras, sei apenas que eram três irmãs. Mas a figura do seu pai ficou gravada na minha memória. Se fechar os olhos o vejo diante de mim, como se ele estivesse vivo. Eu os visitava em Moscou com frequência.

OLGA

— E eu que pensava me recordar de todo o mundo, agora...

VERCHININ

— Meu nome é Aleksander Ignatievitch.

IRINA

— Então, Aleksander Ignatievitch, o senhor é de Moscou... Que surpresa!

OLGA

— Nós pretendemos mudar para lá.

IRINA

— Esperamos estar lá já no outono. É a nossa cidade natal. Nascemos lá. Na antiga Rua Basmanaia... (Ambas riem de alegria)

MACHA

— Encontramos por acaso um conterrâneo. (Vivamente) Agora já sei. Olga, eu me recordo, dizia-se sempre em casa: "o major apaixonado". O senhor era então primeiro-tenente e estava apaixonado por alguém, e todos o chamavam assim, não sei por quê, talvez por brincadeira, o major apaixonado.

VERCHININ (ri)

— Sim, sim. O major apaixonado. Isso mesmo!

MACHA

— Naquele tempo o senhor usava só bigode. Ai, como envelheceu! (Entre lágrimas) Como envelheceu!

VERCHININ

— Sim, quando me chamavam de "major apaixonado" eu ainda era jovem, ainda me apaixonava. Hoje tudo mudou.

OLGA

— Mais ainda não tem um fio sequer de cabelo branco! Envelheceu, porém não é nenhum velho.

VERCHININ

— De qualquer forma, vou completar quarenta e três anos... Deixaram Moscou há muito tempo?

IRINA

— Há onze anos. Mas, por quê você chora, Macha? Deixe de ser tola! (Entre lágrimas) Ah, agora eu também estou começando a chorar.

MACHA

— Não é nada. Morava em que rua?

VERCHININ

— Na antiga Rua Basmanaia.

OLGA

— Nós também!

VERCHININ

— Durante algum tempo morei na Rua Niemetzkaia. Da Rua Niemetzkaia costumava ir para o Quartel Vermelho. No caminho há uma ponte sombria, e sob ela se ouve o murmúrio das águas. Quem passar por lá sozinho se sentirá tomado de tristeza (Pausa) Mas que rio lindo, que rio magnífico, tem aqui! Que rio magnífico!

OLGA

— Sim, porém é gelado. Aqui faz frio e tem muito mosquito.

VERCHININ

— Não é bem assim. o clima daqui é bom e saudável clima eslavo. Bosques, rio... e também bétulas. De todas as árvores a que mais gosto é a querida e recatada bétula. Viver aqui é uma verdadeira felicidade. Só estranho que a estação de trem fique a vinte verstas da cidade... E ninguém sabe por quê.

SOLIONII

— Eu sei por quê. (Todos olham para ele) É que se a estação ficasse perto, não estaria longe. E se está longe, então não pode estar perto.

(MAL-ESTAR GERAL, SILÊNCIO)

TUZENBACH

— Vasilii Vasilich, o senhor é muito brincalhão.

OLGA

— Já consigo me lembrar do senhor. É claro!

VERCHININ

— Conheci a senhora sua mãe.

TCHEBUTIKIN

— Era uma santa mulher, que Deus a tenha.

IRINA

— Mame foi enterrada em Moscou.

OLGA

— Sim, no cemitério Novodievitchie.

MACHA

— Veja, já quase esqueci o rosto dela. Da mesma forma não recordarão os nossos rostos tampouco. Acabarão se esquecendo de nós.

VERCHININ

— Sim. Acabarão por nos esquecer. É o destino – nada se pode fazer contra ele. O que a nós parecia sério, importante, de muito valor, com o tempo será esquecido e considerado sem importância. (Pausa) E o mais interessante é que nós nem sabemos a que eles darão valor importância e o que considerarão inútil e ridículo. Será que no começo não viam as descobertas de Copérnico ou de Colombo como inúteis e ridículas e consideravam verdadeiras revelações as escrevinhações de

um tolo excêntrico qualquer? E também é possível que a vida que agora nos satisfaz venha a ser mais tarde julgada estranha, desconfortável, desprovida de razão, insuficientemente pura e talvez até pecaminosa.

TUZENBACH

— Quem sabe? Mas é possível também que a nossa vida de agora seja qualificada de superior e se refiram a nós com respeito. Hoje não existem torturas, execuções e nem invasões de domicílio, apenas muito, muito sofrimento.

SOLIONII (em voz de falsete)

— Tsip, tsip, tsip... O barão pode passar muito bem sem o mingau, contanto que possa filosofar.

TUZENBACH

— Vasilii Vasilievitch, me deixe em paz... (Muda de assento) Já chega.)

SOLIONII (em voz de falsete)

— Tsip, tsip, tsip...

TUZENBACH (a Verchinin)

— Os sofrimentos que vemos hoje em dia – e são tantos! Não deixam de demonstrar uma certa elevação moral já alcançada pela sociedade...

VERCHININ

— Sim, sim, naturalmente.

TCHEBUTIKIN

— Barão, o senhor disse agora mesmo que a nossa vida será considerada elevada um dia; porém os homens são pequenos... (Levanta-se) Veja como eu sou pequeno. Se alguém disser que minha vida é elevada e tem sentido isso me consolará. (De fora chega o som de um violino.)

MACHA

— É Andrei, nosso irmão, quem está tocando.

IRINA

— Andrei é um sábio. Provavelmente será professor universitário. Seu pai era militar, mas o filho seguirá carreira científica.

MACHA

— Conforme o desejo de papai.

OLGA

— Hoje caçoamos muito dele. Parece que está um tanto apaixonado.

IRINA

— Por uma moça daqui. É possível que ela também apareça aqui hoje.

MACHA

— Ai, mas como ela se veste! Não apenas se veste mal, fora de moda, mas de um jeito simplesmente lastimável! Usa uma saia estranha de um amarelo berrante, adornada com franjas vulgares, e uma blusa vermelha. E o rosto, parece tê-lo esfregado, tão brilhante ele é! Andrei não está apaixonado por ela, não acredito nisso, ele tem bom gosto. Está apenas troçando da gente, fazendo pilhéria. Além do mais, ouvi dizer ontem que a moça vai se casar com Protopopov, presidente do conselho municipal. Seria ótimo se assim fosse. (Fala voltada para a porta lateral)

(ENTRA ANDREI.)

OLGA

— Meu irmão, Andrei Serguêievitch.

VERCHININ

— Verchinin.

ANDREI (enxugando o tosto acalorado)

— Prozorov. O senhor foi designado para cá, não é mesmo? É o novo comandante de artilharia?

OLGA

— Imagine, Aleksander Ignatievitch é de Moscou.

ANDREI

— É mesmo? Bem, nesse caso o congratulo, minhas irmãs não o deixarão em paz.

VERCHININ

— Já tive o prazer de aborrecê-las com as minhas recordações.

IRINA

— Veja a moldura de retrato que ganhei hoje de Andrei. (Mostra a moldura) Ele mesmo a fez.

VERCHININ (olha a moldura sem saber o que dizer)

— Sim... é resistente...

IRINA

— E a moldura que está pendurada na parede acima do piano também foi ele que fez.

(Andrei faz um gesto com a mão e se afasta do grupo)

OLGA

— Andrei é o nosso sábio, toca violino, faz umas coisinhas de madeira, em suma, tem talento para tudo. Andrei, não vá. Ele tem o hábito de se afastar. Venha cá! (Rindo, Macha e Irina pegam Andrei pelo braço e obrigam-no a voltar)

MACHA

— Venha, venha!

ANDREI

— Ora, me deixem!

MACHA

— Que sujeito engraçado! Em outros tempos Aleksander tinha o apelido de major apaixonado e isso não o deixava nem um pouco ressentido.

VERCHININ

— Nem um pouco!

MACHA

— E sabe o que você é? Você é violinista apaixonado.

IRINA

— Ou então o professor apaixonado!

OLGA

— Está apaixonado! Andriuchka está apaixonado!

IRINA (bate palmas)

— Viva, viva! Andriuchka está apaixonado!

TCHEBUTIKIN (aproxima-se de Andrei por trás e abraça-lhe a cintura com ambas as mãos)

— "Só para o amor a natureza nos criou!" (Ri às gargalhadas; sempre com o jornal na mão)

ANDREI

— Bem, já chega, já chega... (Enxugando o rosto) Não preguei o olho a noite toda e agora estou um pouco tonto. Fiquei lendo até as quatro e depois fui para cama, mas não consegui fechar os olhos. Pensava nisso e naquilo, até que chegou o solzinho da manhã e invadiu o quarto todo. Durante o verão, enquanto estiver aqui, pretendo traduzir um livro do inglês.

VERCHININ

— O senhor sabe inglês?

ANDREI

— Sim; nosso pai, que Deus o tenha, praticamente nos martirizava com a educação. É ridículo, uma bobagem, mas devo dizer-lhe que depois da morte dele comecei de repente a ganhar peso, e em um ano engordei muitíssimo, como se o meu corpo tivesse se libertado de uma grande pressão. Graças a nosso pai, eu e minhas irmãs sabemos francês, alemão e inglês, e Irina até italiano. Mas quanto não nos custou isso!

MACHA

— Saber três línguas nesta cidade é um luxo desnecessário. É até mais que um luxo; é simplesmente uma coisa inútil, como um sexto dedo. Sabemos muita cosia desnecessária.

VERCHININ

— Que nada (Ri) "Sabemos muita coisa desnecessária." Sou de opinião que não pode existir cidade, por mais enfadonha e triste, onde uma pessoa inteligente e instruída seja desnecessária. Admitamos que entre os cem mil habitantes desta cidade, sem dúvida atrasada e grosseira, existam apenas três que se assemelhem aos senhores. Naturalmente os senhores não serão capazes de conquistar a massa insensível; aos poucos terão de ceder e se perderão no meio da multidão de cem mil pessoas. A vida os afogará, porém os senhores não desaparecerão por completo, sem

deixar vestígio. Mais tarde, depois dos eu desaparecimento, já haverá seis pessoas como só senhores, depois doze, e assim por diante, até que por fim as pessoas da sua espécie constituirão a maioria. Em dois ou três séculos a vida na terra será incrivelmente bela. Essa é a vida de que o homem necessita e se por ora ainda não existe, devemos pressenti-la, esperá-la, sonhar com ela, preparar-nos para ela. Por isso devemos ver e saber mais do que viam e sabiam nossos pais e avós. (Ri) E os senhores se queixam de que sabem muita cosia desnecessária!

MACHA (tirando o chapéu) — Vou ficar para o almoço.

IRINA (suspira)

— Devíamos tomar nota de cada palavra sua. (Entrementes Andrei deixou a sala sem ser notado)

TUZENBACH

— O senhor diz que a vida na terra, ao cabo de muitos anos, será assombrosamente bonita. Certo. Mas, para participarmos dela desde já, mesmo à distancia, devemos nos preparar e temos de trabalhar...

VERCHININ (levantando-se)

— Sim. Olhe só, quantas flores têm aqui! (Esquadrinha a sala) E que casa magnífica! Eu os invejo. Passei a vida toda em apartamentos apertado. Duas cadeiras, um divã e um fogão sempre soltando fumaça. Eram essas flores que faltavam na minha vida. (Esfrega as mãos.) Mas enfim, para que falar nisso?

TUZENBACH

— Sim, é preciso trabalhar. O senhor de certo pensará: um alemão sentimental. Mas dou-lhe a palavra, sou russo e nem sequer entendo alemão. Meu pai era cristão ortodoxo... (pausa)

VERCHININ (andando de um lado para o outro)

— Muitas vezes penso se pudéssemos começar a vida de novo e o fizéssemos de modo consciente? Se a vida cumprida fosse uma espécie de rascunho e a outra – a nova – o texto passado a limpo? Imagino entoa que todos nós nos esforçaríamos antes de mais nada, para não nos repetirmos. Criaríamos outras condições de vida, providenciaríamos uma casa florida como esta, luminosa...Tenho esposa e duas meninas; minha esposa é uma mulher doente, etc., etc. Mas se pudesse recomeçar a vida, não me casaria. De modo algum

(ENTRA KULIGUIN, TRAJANDO UNIFORME DE GALA)

KULIGUIN (aproximando-se de Irina)

— Querida cunhada, permita-me manifestar as minhas felicitações no dia de sua santa e desejar-lhe, de todo o coração, sinceramente, boa saúde e tudo o que de bom se pode desejar a uma moça de sua idade. E entregar-lhe este livro, de presente. (Entrega-lhe o livro) É a história do nosso liceu, escrita por mim e cobrindo cinquenta anos de sua existência. É um trabalhinho insignificante, escrito nas horas vagas, mas mesmo assim você deve lê-lo. Meus respeitos, senhores. (A Verchinin) Kuliguin, professor de liceu e conselheiro (A Irina) Este livro contém a lista de todos os alunos que frequentaram a nossa instituição nos últimos cinquenta anos. Feci, quod potuit, faciant meliora potentes (Beija Macha)

IRINA

— Mas na Páscoa você já me presenteou um igual.

KULIGUIN (ri)

— Entoa me devolva, ou dê-o ao coronel. Tome-o coronel. Talvez o leia num dia em que não tiver nada melhor para fazer.

VERCHININ

— Muito obrigado. (Faz menção de se retirar) Foi um grande prazer conhecê-los.

OLGA

— Já vai? Nada disso!

IRINA

— O senhor vai ficar para o almoço. Por favor!

OLGA

— Eu também lhe peço que fique.

VERCHININ (inclina-se)

— Parece que cheguei no meio de uma festa familiar. Perdoem-me, mas não sabia, e ainda não dei os meus parabéns (Dirige-se com Olga à sala de jantar.)

KULIGUIN

— Hoje, senhores, é domingo, dia de descanso. Descansemos pois, nós também, e vamos nos divertir, cada um conforme sua idade e posição social. No verão os tapetes devem ser retirados e guardados até o inverno... Com inseticida ou naftalina. Os romanos eram um povo saudável, pois sabiam tanto trabalhar quanto descansar, não era à toa que propalavam Mens sana in corpore sano. Sua vida decorria dentro de determinadas formas. Nosso diretor diz: o mais importante na vida é a sua forma... O que perde a sua forma acaba, e assim ocorre também no nosso dia-a-dia (Abraça Macha e ri) Macha me ama. A minha mulher me ama. E as cortinas devem ser retiradas, junto com os tapetes... Hoje estou muito alegre, de excelente humor. Macha, hoje às quatro da tarde iremos à casa do senhor diretor. Estão organizando um pequeno passeio para os membros do corpo docente e seus familiares.

MACHA

— Não vou.

KULIGUIN (triste)

— Mas por que não, Macha querida?

MACHA

— Eu vou lhe dizer (Enraivecida) Está bem, eu vou mas me deixe em paz, me deixe em paz, por favor. (Afasta-se)

KULIGUIN

— Depois passaremos o resto da tarde na casa do senhor diretor. O senhor diretor, apesar da saúde abalada, esforça-se por levar uma vida social. É uma pessoa brilhante, superior. Um homem magnífico. Ontem, após a conferência, ele me disse: "Estou cansado, Fiodor Ilitch! Cansado!" (Olha o relógio da parede, depois o seu relógio de bolso) O relógio de vocês está sete minutos adiantado. Sim, ele disse: "Estou cansado". (De fora chega o som de um violino.)

OLGA

— Tenham a bondade, senhores, o almoço está servido! Haverá pastel também!

KULIGUIN

— Ai, Olga querida! Ontem trabalhei desde de manhã até as onze da noite, estava muito cansado, mas hoje me sinto tão feliz! (Passa à sala de jantar e dirige-se à

mesa) Olga, querida...

TCHEBUTIKIN (guarda o jornal no bolso e cofia a barba) — Pastel? Isso sim é que é vida!

MACHA (a Tchebutikin , em tom severo)

— Vou lhe avisando: hoje o senhor não vai beber. Entendeu? A bebida lhe faz mal.

TCHEBUTIKIN

— Que nada! Isso já passou. Não bebo há dois anos (Impaciente) Mas tanto faz se eu bebo ou deixo de beber.

MACHA

— Mesmo assim, não se atreva a beber. Não se atreva. (Irritada, mas tomando cuidado para que o marido não a ouça) Diabos, lá vamos nós outra vez passar a tarde nos aborrecendo na casa do diretor!

TUZENBACH

— Em seu lugar eu simplesmente não iria

TCHEBUTIKIN

— Não vá.

MACHA

— Não vá, não vá... Vida maldita. Insuportável... (Dirige-se à sala de jantar)

TCHEBUTIKIN (dirigindo-se também à sala de jantar)

— Portanto...

SOLIONII (dirigindo-se também à sala de jantar)

— Tsip, tsip, tsip.

TUZENBACH

— Basta, Vasilii Vasilievitch. Basta!

SOLIONII

— Tsip, tsip, tsip.

KULIGUIN (alegremente)

— À sua saúde, coronel! Sou pedagogo, faço parte desta família; sou marido de Macha,Macha é uma ótima criatura.

VERCHININ

— Experimentemos esta vodca escura. (Bebe) À saúde! (A Olga) Sinto-me tão bem em sua casa! (Apenas Irina e Tuzenbach permanecem na sala)

IRINA

— Macha está de mau humor hoje. Casou-se com ele aos dezoito anos, quando ainda acreditava que o marido fosse o homem mais inteligente deste mundo. E agora mudou de opinião a seu respeito. É o melhor dos homens, porém não o mais inteligente.

OLGA (impaciente) — Andrei, venha logo!

ANDREI

— Agora mesmo (Entra e dirige-se à mesa)

TUZENBACH

— Em que está pensando?

IRINA

— Eu? Não gosto do seu amigo, desse Solionii, tenho medo dele. Só diz bobagens...

TUZENBACH

— É um homem estranho. Tenho pena dele e também raiva, mas sobretudo pena. Acho que é muito tímido... Quando estamos sozinhos ele costuma ser bastante inteligente e agradável, só nas reuniões torna-se um sujeito grosseiro e provocador. Espere mais um pouco até todos se acomodarem em torno da mesa. Deixe-me estar ao seu lado. Em que pensa? (Pausa) Tem vinte anos e eu pouco menos de trinta. Quantos anos ainda temos pela frente, quantos e quantos dias, todos eles iluminados pelos raios do amor.

TUZENBACH (Não lhe presta atenção)

— Estou sedento de vida, de luta, de trabalho... E em minha alma essa sede se une ao amor que sinto pela senhora, Irina... A senhora é tão maravilhosa e a vida também me parece tão maravilhosa... Em que está pensado?

IRINA

— O senhor disse que a vida é maravilhosa. Sim, mas se apenas parece maravilhosa?! Para nós três a vida ainda não foi maravilhosa. Cobriu-nos como a erva daninha... Estou derramando lágrimas... Em vão... (Rapidamente enxuga o rosto e sorri.) Devemos trabalhar, trabalhar. Estamos tristes e temos uma visão tão sombria da vida porque não conhecemos o trabalho. Descendemos de pessoas que desprezavam o trabalho. (Entra Natalia Ivanovna; está trajando um vestido cor-de-rosa com conto verde.)

NATACHA

— Ah, já estão sentados à mesa. Cheguei atrasada (De relance olha-se no espelho e ajeita o cabelo) O penteado parece que não está mal... (Nota a presença de Irina) Irina Serguêievna, querida, meus parabéns. (Beija-a forte e longamente) Ai, estão com tantas visitas, fico embaraçada... Bom dia, barão.

OLGA (entra na sala)

— Ah, chegou Natalia Ivanovna também. Seja bem-vinda, querida. (Trocam beijos)

NATACHA

— A reunião hoje está muito concorrida, fico acanhada...

OLGA

— Ora, todo mundo aqui é de casa. (A meia-voz, assustada) Meu Deus, está usando cinto verde? Querida, isso é simplesmente impossível!

NATACHA

— Por acaso significa algo ruim?

OLGA

— Não, não apenas lhe vai terrivelmente mal. Como se...

NATACHA (chorosa)

— É mesmo mas quase nem é verde, de tão pálido. (Segue Olga à sala de jantar. Todos tomam assento em torno da mesa; não restou ninguém na sala.)

KULIGUIN

— Desejo-lhe, Irina, um bom noivo, já é hora de você se casar também.

TCHEBUTIKIN

— Natalia Ivanovna, à senhora também desejo um bom noivo.

KULIGUIN

— Natalia Ivanovna já tem noivo.

MACHA (dando batidinhas no prato com o garfo)

— Vou tomar um cálice de vinho! Eta vida boa... mas o que se pode fazer!

KULIGUIN

— Macha, seu comportamento ficou entre regular e mau.

VERCHININ

— Mas o licor está ótimo! De que é feito?

SOLIONII

— De baratas.

IRINA (com voz chorosa) — Hum que nojo!

OLGA

À noite teremos peru assado e torta de maçã. Graças a Deus, hoje vou passar o dia em casa, e a noite também... Senhores, honrem-nos com a sua presença também à noite.

VERCHININ

— Permita-me também voltar à noite!

IRINA

— Será um prazer.

NATACHA

— Aqui não há cerimônias.

TCHEBUTIKIN

— "Só para o amor a natureza nos criou!"(Ri)

ANDREI (zangado)

— Parem com isso! Ainda não se cansaram? (Entram Fedotik e Rode carregando uma grande cesta de flores)

FEDOTIK

— Chegamos atrasados, já estão almoçando.

RODE (fala alto os erres)

— Chegamos atrasados? Sim, já estão almoçando...

FEDOTIK

— Perdão, um momento. (Tira um retrato) Um, dois. Perdão, mais um momento! (Tira outro retrato) Um dois. Pronto. (Apanha a cesta e os dois entram na sala de jantar, onde são recebidos efusivamente) RODE (em voz alta)

— Meus parabéns e os melhores votos! Hoje o dia está magnífico, verdadeiramente maravilhoso. Passei a manhã toda com os alunos. Ensino ginástica no liceu.

FEDOTIK

— Irina Serguêievna, pode mover-se sem receio (Tira novos retratos) A senhora está muito bem hoje. (Saca do bolso uma piorra) Aliás, eis uma piorra. Tem um som divino.

IRINA

— Que maravilha!

MACHA

— "Junto ao mar há um carvalho; uma corrente de ouro pende de seus galhos...uma corrente de ouro pende seus galhos...:" (Em tom de lamúria) Ai, por que estou repetindo isso? Desde de manhã esses versos não me saem da cabeça.

KULIGUIN

— Ôpa, somos treze à mesa!

RODE (em voz alta)

— Senhores, não me digam que atribuem importância a essa superstição? (Gargalhadas)

KULIGUIN

— Se houver treze pessoas à mesa isso significa que um de nós está apaixonado. Ivan Ivanitch, não será o senhor? (Gargalhadas.)

TCHEBUTIKIN

— Eu já sou velho pecador, mas porque razão Natalia Ivanovna corou, isso é que eu não entendo. (Risadas estrepitosas. Natacha sai aos atropelos da sala de jantar, parando na sala. Andrei a segue.)

ANDREI

— Peço-lhe penhoradamente, não lhes dê atenção! Espere, para, por favor.

NATACHA

— Que vergonha... Não sei o que se passa comigo. E eles ficam rindo de mim. Não devia ter saído da mesa desse jeito; foi uma falta de educação, eu sei, mas não aguento. (Esconde o rosto na palma da mão)

ANDREI

— Querida, peço-lhe, suplico-lhe que não se aborreça! Asseguro-lhe que eles estavam só brincando, são bem-intencionados. Minha querida, minha cara, todos eles são pessoas boas e decentes. Amam muito a mim e também à senhora. Venha até aqui na janela, aqui eles não nos veem... (Olha ao redor.)

NATACHA

— Não estou acostumada a essas reuniões sociais.

ANDREI

— Oh, mocidade, bela e maravilhosa mocidade! Minha querida, não se aborreça! Acredite em mim, confie em mim. Estou tão feliz, o meu coração transborda de amor... Oh, aqui não nos veem! Por que passei a amá-la tanto... quando isso aconteceu? Não sei... minha querida, boa e pura menina, seja a minha esposa. Eu a amo, eu a mão... como nunca, nunca amei ninguém... (Beija-a. Entram dois oficiais que, ao ver o par se beijando, se detêm admirados.)

CORTINA

SEGUNDO ATO

O MESMO CENÁRIO DO PRIMEIRO ATO

SÃO OITO DA NOITE. DA RUA CHEGA O SOM DISTANTE DE UM ACORDEÃO. ESTÁ ESCURO. ENTRA NATALIA IVANOVNA DE ROUPÃO, SEGURANDO UMA VELA ACESA; PÁRA JUNTO À PORTA QUE DÁ PARA O QUARTO DE ANDREI.

NATACHA

— O que você está fazendo, Andriucha? Está lendo? Não é nada, é que... (continua andando, abre uma porta, depois a fecha) queria ver se não ficou alguma luz acesa.

ANDREI (entra com um livro na mão) — Que é, Natacha?

NATACHA

— Estou verificando se apagaram todas as velas... É carnaval e os criados estão muito agitados, todo cuidado é pouco. Ontem à meia-noite entrei na sala de jantar e havia uma vela acesa. E não há como saber quem a acendeu. (Deposita a vela) Que horas são?

ANDREI (olha o relógio) — São oito e quinze.

NATACHA

— Olga e Irina ainda não chegaram. Como trabalham, as coitadas! Olga está na reunião do conselho pedagógico e Irina no telégrafo. (Suspira) Hoje pela manhã disse à sua irmã: "Cuide-se Irina, querida", Mas ela nem me ouve. Então, são oito e quinze? Receio que Bobik esteja doente. Por que o seu corpinho está tão frio? Ontem teve febre e hoje está gelado... Isso me deixa angustiada!

ANDREI

— Não é nada, Natacha... O bebê está bem de saúde.

NATACHA

— De qualquer forma é melhor seguir a dieta. Estou com medo. Disseram-me que hoje às dez da noite os mascarados vêm aqui; seria melhor se na viessem, Andriucha.

ANDREI

— Bem, não sei. Na verdade ele s forma convidados.

NATACHA

— Quando acordou hoje de manhã o bebê olhou para mim e de repente sorriu, ele me reconheceu. “Oi, Bobik”, lhe digo, “Oi, Bobik! Oi querido!” E ele sorri. Essas crianças compreendem tudo. Então Andriucha, vou avisá-los para não deixar entrar os mascarados. ANDREI (indeciso)

— Deixe isso para as minhas irmãs resolverem, elas são as donas da casa.

NATACHA

— Elas fariam o mesmo – mas vou voltar com elas, são tão boas!... (Saindo) Encomendei coalhada para a noite. O médico disse para você tomar coalhada, de outro modo nunca emagrecerá. (Pára) Bobik está muito frio. Temo que o quarto dele seja muito frio. Seria bom mudá-lo de quarto, enquanto não chega o calor. O quarto de Irina, por exemplo, seria perfeito para o bebê: é seco e o sol bate lá o dia interior. Teria de dizer a Irina para ficar no mesmo quarto com Olga. Ela passa mesmo o dia inteiro fora, seria só para a noite. (Pausa) Andriucha, por que está calado?

ANDREI

— Estava pensando... além do mais, o que eu poderia dizer?

NATACHA

— Sim... Eu ia falar alguma cosia... Sim, está lá fora Ferapont, da prefeitura. Ele está à sua procura.

ANDREI (Boceja)

— Mande-o entrar (Natacha sai. Andrei se põe a ler à luz da vela que Natacha esqueceu lá. Entra Ferapont; usa um capote velho e puído, com a gola levantada; uma atadura lhe cobre a orelha.)

ANDREI

— Seja bem-vindo, irmãozinho. Então, o que você me conta?

FERAPONT

— O presidente do conselho lhe mandou este livro e também estes papéis. Aqui estão. (Entrega-lhe o livro e os documentos)

ANDREI

— Obrigado. Muito bem. Mas por que veio tão tarde? Já são quase nove horas.

FERAPONT

— O que disse?

ANDREI (mais alto)

— Disse que chegou tarde. Já são quase nove horas.

FERAPONT

— Pois é. Quando cheguei o sol ainda estava no alto, mas não quiseram me deixar entrar. Disseram que o patrão estava ocupado. Bem, se estava ocupado, então estava ocupado. Eu não tenho pressa. (Pensando que Andrei houvesse lhe perguntado algo) O que disse?

ANDREI

— Nada. (Olha o livro) Amanhã é sexta-feira, não temos sessão, mas eu darei um pulo lá, assim mesmo... tenho de resolver algo. Aqui em casa é muito aborrecido. (Pausa) Vovô querido, como a vida se modifica, como ela nos engana! Hoje, de puro tédio, peguei este livro – São velhas aulas da faculdade – e desatei a rir. Meu Deus, sou secretário do conselho municipal, do conselho onde o chefe é Protopopov. Secretário, e no máximo posso chegar ao cargo de assessor! Ser assessor do conselho local, eu que todas as noites em meus sonhos era professor da Universidade de Moscou, sábio famoso, orgulho de toda a Rússia.)

FERAPONT

— Quem? Ouço mal.

ANDREI

— Se não ouvisse mal, irmãozinho, eu não conversaria com você. Afinal de contas, tenho de conversar com alguém. Minha esposa não me entende, minhas irmãs eu temo, não sei por quê. Receio que elas riam de mim, que me envergonhem... Não bebo, não frequento tabernas; no entanto, meu querido velho, que alegria me daria estar agora em Moscou, no Testov ou no Grande Moscovita!

FERAPONT

— Em Moscou, segundo me contou um mestre de obras, uns comerciantes resolveram comer panquecas e um deles teve morte súbita por ter comido quarenta panquecas. Quarenta ou cinquenta, já não sei ao certo.

ANDREI

— Estar em Moscou sentado no salão principal do restaurante. Mesmo não conhecendo ninguém e tampouco ninguém o conhecendo, você não se sente um estranho... E aqui, mesmo sendo conhecido de todos e todos sendo seus conhecidos, você se sente um estranho... um estranho... Estranho e solitário.

FERAPONT

— O que disse? (Pausa) E aquele mestre de obras contou também – talvez estivesse mentindo – que em Moscou foi estendida uma grande corda sobre a cidade.

ANDREI

— Para quê?

FERAPONT

— Isso já não sei. Foi aquele mestre de obras que contou.

ANDREI

— Besteira. (Dá uma lidinha no livro) Então, você já esteve em Moscou?

FERAPONT (não responde de imediato)

— Não. Deus ainda não quis me levar até lá. (Pausa) Posso ir?

ANDREI

— Pode. Deus o abençoe. (Ferapont se dispõe a partir) Deus o abençoe. (Lê) Amanhã de manhã você volta para buscar estes papéis. Pode ir. (Pausa) Foi embora. (Soa a campainha) Pois é, o caso é esse... (Espreguiça-se e com passos lentos entra em seu quarto. De trás dos cenários chega o cantarolar da babá, embalando a criança)

(ENTRAM MACHA E VERCHININ. ENQUANTO CONVERSAM, A CRIADA ACENDE A

LAMPARINA E AS VELAS.)

MACHA

— Não sei. (Pausa) Não sei. É claro que o hábito importa muito. Por exemplo, quando papai morreu, por muito tempo estranhamos não dispormos mais de ordenanças. Porém, hábito à parte, acho que falo também por senso de justiça.

Talvez em outros lugares não seja assim, mas aqui a s pessoas mais honradas, mais finas e mais bem-educadas são os militares.

VERCHININ

— Estou com sede. Gostaria de um pouco e chá.

MACHA (consulta o relógio)

— Logo vão servi-lo. Casei-me ao completar dezoito anos e tinha medo do meu marido porque ele era professor e eu acabara de terminar o curso no liceu. Naquele tempo eu o julgava terrivelmente culto, sábio e importante. Hoje é diferente, infelizmente.

VERCHININ

— Sim, sim.

MACHA

— Não me refiro ao meu marido, a ele já me acostumei, mas entre os civis em geral existe muita gente grosseira, desagradável e mal-educada. A grosseria em ataca os nervos e me ofende, sofro quando vejo que alguém não é suficientemente fino, suave e amável. Quando sou obrigada a estar na companhia de professores, colegas do meu marido, isso é um verdadeiro tormento para mim.

VERCHININ

— Sim... A mim porém me parece que civis e militares são pessoas igualmente simples, pelo menos nesta cidade. São iguais. Seja civil ou militar, nas reuniões sociais só se ouve dizer: está tendo problemas com a mulher, está tendo problemas com a casa, está tendo problemas com o cavalo... Nós, russos, gostamos demais dos pensamentos elevados, mas, me diga, por que na vida real voamos tão baixo? Por quê?

MACHA

— Não sei.

VERCHININ

Por que o marido está tendo sempre algum problema com o filho e com a mulher? E a mulher e o filho, por que têm sempre algum problema com ele?

MACHA

— O senhor está um tanto mal-humorado hoje.

VERCHININ

— É possível, não almocei hoje e estou sem comer desde de manhã. Minha filha não passa muito bem, e quando minhas filhas estão doentes fico inquieto... Tenho a consciência atormentada por elas terem a mãe que tem. Ai, se a tivesse visto hoje! E por causa de uma bobagem! Começamos a brigar às sete da manhã, às nove bati a porta e saí. (Pausa) Nunca falo sobre isso e – estranho, não é? – só à senhora conoto as minhas lamúrias. (Beija-lhe a mão.) não me queira mal. Afora a senhora não tenho ninguém, ninguém... (Pausa)

MACHA

— Que ruído é esse no fogão? Um pouco antes da morte de papai a chaminé fazia o mesmo ruído. Exatamente o mesmo.

VERCHININ

— A senhora é supersticiosa?

MACHA

— Sou sim.

VERCHININ

— Que estranho (Beija-lhe a mão) A senhora é uma mulher magnífica, maravilhosa. Magnífica, maravilhosa! Está escuro aqui, mas eu vejo o brilho dos seus olhos.

MACHA (muda de cadeira)

— Aqui está mais claro...

VERCHININ

— Eu a amo, eu a amo, eu a amo... Amo os seus olhos, os seus movimentos que me fazem sonhar... Mulher magnífica, maravilhosa!

MACHA (rindo baixinho)

— Quando o ouço falar assim tenho vontade de rir, apesar de sentir medo... Não fale isso de novo, peço-lhe. (À meia voz.) Aliás, fale, para mim tanto faz... (Esconde o rosto com as mãos) Para mim tanto faz... Vem gente, mude de assunto.

(ENTRAM IRINA E TUZENBACH, VINDOS DA SALA DE JANTAR)

TUZENBACH

— Tenho um nome triplo: barão Tuzenbach–Krone-Altschauer, mas sou russo, e ortodoxo, como a senhora. De alemão me resta muito pouco, talvez a paciência e a teimosia com que a aborreço. Acompanho-a todas as noites.

IRINA

— Como estou cansada!

TUZENBACH

— E todo santo dia irei ao telégrafo e a acompanharei à sua casa, por dez, vinte anos, enquanto não me enxotar... (Percebe a presença de Macha e de Verchinin; em tom alegre) Os senhores estão aqui? Boa noite!

IRINA

— Por fim estou em casa. (A Macha) Há pouco esteve uma mulher na agencia; telegrafou ao irmão em Saratov comunicando-lhe que o filho morreu. Mas não conseguia lembrar o endereço do irmão. Tivemos de remeter o telegrama sem o endereço, simplesmente a Saratov. A mulher chorava. E eu fui grosseira com ela, sem razão alguma. "Não tenho tempo"— disse-lhe. Foi muito embaraçoso. Hoje os mascarados vêm em casa?

MACHA

— Sim

IRINA (sentando-se na poltrona)

— Deixem-me descansar um pouco. Estou fatigada.

TUZENBACH (sorri)

— Quando volta da agência parece tão jovem, tão desamparada... (Pausa)

IRINA

— Estou cansada. Não, positivamente eu não gosto do telégrafo.

MACHA

— Você emagreceu... (Assobia baixinho) E está mais jovem. Parece um rapaz.

TUZENBACH

— É o penteado.

IRINA

— Tenho de procurar outro trabalho. Esse não me convém, não tem nada do que eu almejava fazer, do que eu sonhava. É um trabalho maçante e bobo. (Ouvem-se batidas no assoalho) O doutor está batendo (A Tuzenbach) Responda às batidas, por favor... Eu não posso... Estou cansada. (Tuzenbach devolve as batidas no assoalho) Logo ele vai subir. Temos de inventar uma forma de nos protegermos contra ele. Ontem o doutor e o nosso Andrei estiveram no clube e perderam de novo. Dizem que Andrei perdeu duzentos rublos.

MACHA (indiferente)

— O que se há de fazer...

IRINA

— Há duas semanas ele perdeu também, e em dezembro idem. Tomara que perca tudo logo, assim talvez possamos sair desta cidade. Meu Deus, sonho todas as noites com Moscou e fico transtornada. (Ri) Em junho mudaremos para lá... e até junho... Fevereiro, março, abril, maio... é quase meio ano!

MACHA

— Natacha não deve ficar sabendo que ele perdeu no jogo.

IRINA

— Acho que para ela tanto faz.

(TCHEBUTIKIN DORMIU DE TARDE E ACABOU DE ACORDAR; ENTRA NA SALA DE JANTAR PENTEANDO A BARBA; DEPOIS SE SENTA NA MESA DE JANTAR E TIRA UM

JORNAL DO BOLSO.)

MACHA

— Ele já chegou... Pagou o aluguel?

IRINA (ri)

— Não. Há oito meses não nos paga nem um copeque. Decerto esqueceu.

MACHA (ri)

— Olhem como está todo importantão sentado ali. (Todos riem. Pausa)

IRINA

— Por que está tão calado, Aleksander Ignatitch?

VERCHININ

— Não sei. Gostaria muito de um gole de chá. Meia vida por uma xicrinha de chá! Não como desde de manhã...

TCHEBUTIKIN

— Irina Serguêievna!

IRINA

— O que é?

TCHEBUTIKIN

— Peço-lhe que venha aqui. Venez ici (Irina se levanta e vai sentar-se à mesa) Não aguento ficar sem a senhora. (Irina estende sobre a mesa as cartas para uma paciência.)

VERCHININ

— Já que não nos dão chá, ao menos filosofemos.

TUZENBACH

— Vamos lá! Sobre o quê?

VERCHININ

— Sobre o quê? Sonhemos... Por exemplo, sobre a vida, como ela será duzentos ou trezentos anos depois de nós.

TUZENBACH

— E daí? Voarão em balões, a moda será outra, é possível que descubram um sexto sentido e o desenvolvam, mas a vida continuará a mesma: difícil, misteriosa e feliz. E passados mil anos o homem estará suspirando como agora: "Como é difícil viver!" – e ao mesmo tempo temerá a morte e não irá querer morrer, exatamente como agora.

VERCHININ (pensativo)

— Como vou lhe dizer? Acho que aos poucos tudo na terra deve mudar, e já está mudando diante dos nossos olhos. Dentro de duzentos, trezentos ou talvez mil anos – a data não importa – surgirá uma vida nova e feliz. Nós é claro, não participaremos dessa vida, mas é para ela que vivemos, por ela que trabalhamos,

sim, por ela sofremos; somos nós os seus criadores – e essa é a única finalidade de nossa vida, e se assim quiser, a nossa felicidade. (Macha ri em voz baixa)

TUZENBACH

— O que há?

MACHA

— Não sei, estou rindo à-toa hoje.

VERCHININ

— Temos a mesma escolaridade. Não cursei faculdade, leio muito, mas não sei selecionar minhas leituras e talvez nem leia exatamente aquilo de que precisaria, mas quanto mais vivo, mais quero saber. Meus cabelos estão ficando brancos, já sou quase um velho, mas sei pouco, ai como sei pouco! Porém a mim parece que o principal, o verdadeiro, eu conheço com certeza. E como gostaria de lhe demonstrar que para nós não existe felicidade e nem existirá... Nossa única missão é trabalhar e trabalhar, ininterruptamente, e a felicidade caberá só aos nossos descendentes remotos. (Pausa) Se nós não podemos ser felizes, pelo menos que os nossos descendentes sejam.

(APARECEM NA SALA DE JANTAR FEDOTIK E RODE; SENTAM-SE E CANTAM EM

VOZ BAIXA, ACOMPANHANDO-SE AO VIOLÃO.)

TUZENBACH

— Na sua opinião não adianta nem sequer sonhar com a felicidade! Mas, se eu sou feliz!

VERCHININ

— Não é possível.

TUZENBACH (abre os braços e ri)

— Parece que não nos entendemos. Bem, como devo tentar convencê-lo?

(Macha ri em voz baixa)

TUZENBACH (ameaçando-a como dedo)

— Pode rir! (A Verchinin) Não apenas dentro de duzentos ou trezentos anos, mas daqui a um milhão de anos, a vida continuará sendo o que era. Ela não muda,

permanece constante, sujeita a leis próprias, independentes de nós, ou pelo menos que não conheceremos jamais. Os pássaros migrantes, as cegonhas, por exemplo, voam e voam, e, sejam elevados ou mesquinhos os pensamentos que se agitam em sua cabeça, seguirão voando sem se importar com os filósofos que possam existir entre eles; e que filosofem quanto quiserem, desde que voem!

MACHA

— Mas qual é o sentido disso?

TUZENBACH

— Sentido... Veja, está nevando. Que sentido tem isso? (Pausa)

MACHA

— Acho que o homem deve ter fé ou deve buscá-la, senão a vida é vazia. Viver e não saber por que voam as cegonhas, por que nascem as crianças, para que existem estrelas no céu... Ou sabemos para que se vive ou então tudo não passa de tolice inútil. (Pausa)

VERCHININ

— De qualquer modo, é pena que a juventude se tenha ido...

MACHA

Gogol diz em algum lugar: "É aborrecido viver neste mundo, senhores!"

TUZENBACH

— E eu digo: é difícil discutir com os senhores! Com os diabos...

TCHEBUTIKIN (lendo um jornal)

— Balzac casou-se em Berdichev... (Irina cantarola em voz baixa) Anotarei em minha agenda. (Anotando) Balzac casou-se em Berdichev (Volta a ler o jornal)

IRINA (jogando paciência, pensativa)

— Balzac casou-se em Berdichev. (Volta a ler o jornal)

TUZENBACH

— A sorte está lançada. Sabe, Maria Serguêievna, entreguei meu pedido de passagem para a reserva.

MACHA

— Já ouvi falar, e não vejo nada de bom nisso. Não gosto de civis.

TUZENBACH

— Tanto faz... (Levanta-se) Não sou bonito. Então, que soldado sou eu? bem, aliás tanto faz... Trabalharei. Que pelo menos por um dia em minha vida trabalhe tanto que ao chegar em casa cansado me deite na cama e adormeça imediatamente (Passando para a sala) Os operários decerto dormem um sono profundo.

FEDOTIK (a Irina)

— Comprei-lhe agora estes lápis de cor no Pijikov na Rua Moscou. E também esta faquinha....

IRINA

— Acostumou-se a tratar-me como uma menina, mas já estou crescidinha... (Apanha contente os lápis e a faquinha) Que beleza!

FEDOTIK

— E para mim comprei um canivete. Veja, uma lamina aqui, outra aqui e mais uma terceira aqui, isto é para coçar o ouvido, aqui uma tesourinha, e isto, um limpador de unhas.

RODE (em voz alta)

— Doutor, o senhor está com quantos anos?

TCHEBUTIKIN

— Eu? Trinta e dois (Ri)

FEDOTIK

— Vou lhe ensinar agora outra paciência.

(ESTENDE AS CARTAS SOBRE A MESA. TRAZEM O SAMOVAR, ANFISSA CUIDA DELE; UM POUCO DEPOIS ENTRA NATACHA E TAMBÉM SE OCUPA AO REDOR DA MESA.

ENTRA SOLIONII, CUMPRIMENTA OS PRESENTES, SENTA-SE À MESA)

VERCHININ

— Como venta!

MACHA

— Sim. Estou cansada do inverno. Já esqueci por completo como é o verão.

IRINA

— A paciência vai dar certo, já estou vendo. Iremos para Moscou!

FEDOTIK

— Não, não vai dar certo, veja, o oito está sobre o dois de espadas. (Ri) Portanto não irão para Moscou.

TCHEBUTIKIN (Lê o jornal)

— Em Tz declarou-se uma epidemia de varíola...

ANFISSA (a Macha)

— Venha tomar o chá. (A Verchinin) Por favor, excelência... Me perdoe, irmãozinho, esqueci o seu nome por completo...

MACHA

— Traga-me o chá, babá, eu não vou aí buscá-lo.

IRINA

— Babá!

ANFISSA

— Já vai!

NATACHA (a Solionii)

— Os bebês compreendem tudo muito bem. “Oi, Bobik”, digo-lhe eu, “oi, queridinho.” E ele me olha de um jeito tão estranho. O senhor pensa que é opinião da mãe. Juro que não é. Ele é uma criança extraordinária!

SOLIONII

— Se esse menino fosse meu colocava-o numa frigideira, fritava-o e o comia (Com a xícara na mão, dirige-se à sala e lá se senta num canto)

NATACHA (cobre o rosto com as mãos) — Sujeito grosseiro e mal-educado!

MACHA

— Feliz aquele que não percebe se é inverno ou verão. Acho que se estivéssemos em Moscou não me importaria como tempo.

VERCHININ

— Outro dia li o diário de um ministro francês, escrito na prisão. O ministro fora preso devido ao caso do Panamá. Com que entusiasmo e encantamento lhe fala dos pássaros que observava da janela da prisão, os quais nem notava nos tempos de ministro. Naturalmente, agora que foi posto em liberdade, não notará mais os pássaros, do mesmo modo como não os notava antes. a senhora também não notará mais Moscou depois que passar a viver lá. Não desfrutamos a felicidade e nem somos capazes de desfrutá-la. Apenas a desejamos.

TUZENBACH (tira uma caixa da mesa) — Onde estão as balas?

IRINA

— Solionii comeu-as.

TUZENBACH

— Todas?

ANFISSA (servindo o chá)

— Trouxeram-lhe esta carta, irmãozinho

VERCHININ

— Para mim? (Pega a carta) É da minha filha (Lê a carta) Bem, é claro... Perdoe-me Maria Serguêievna, eu me retiro às escondidas. Não tomarei o meu chá. (Levanta-se agitado) Sempre essas comédias...

MACHA

— O que aconteceu? Posso saber?

VERCHININ (baixando a voz)

— Minha esposa tomou veneno de novo. Tenho de ir. Retiro-me sem chamar atenção. É terrivelmente desagradável. (Beija a mão dela) Querida... A senhora é boa, é bonita... Saio por aqui sem ser notado (Sai)

ANFISSA

— Aonde vai? Trouxe chá justamente para ele.

MACHA (zangada)

— Deixe, não é da sua conta, babá! (Dirige-se à mesa com a xícara) Pare de me aborrecer, velha!

ANFISSA

— Por que está com raiva de mim, minha flor?

A VOZ DE ANDREI

— Anfissa!

ANFISSA (imitando-o)

— Anfissa! Sempre enfurnado... (Sai)

MACHA (na sala de jantar, zangada)

— Deixem-me sentar. (Espalhando as cartas sobre a mesa) A mesa toda ocupada com as cartas! Tomem o chá!

IRINA

— Você está se comportando mal, Macha.

MACHA

— Quando estou com raiva é melhor não falar comigo. Deixem-me em paz.

TCHEBUTIKIN (ri)

— Mimosinha! Mimosinha!

MACHA

— O senhor está com sessenta anos, e vive falando bobagens, como se fosse um garotinho.

NATACHA (suspira)

— Macha, querida, para que servem essas expressões? Você é tão bonita, encantaria a todos num ambiente fino, não fossem suas maneiras. Sinceramente. Je vous prie, pardonnez moi Marie, mais vous avez des manières um peu grossières.

TUZENBACH (contendo o riso)

— Dê-me... dê-me, por favor... parece que o lugar do conhaque é ali.

NATACHA

Il parait que mon Bobik déjà ne dort pas, já acordou. Ele não está totalmente bem hoje. Desculpem-me, vou vê-lo... (Sai)

IRINA

— E aonde foi Aleksander Ignatich?

MACHA

— Para casa. De novo aconteceu algo com a mulher.

TUZENBACH (dirige-se a Solionii, com a garrafa de conhaque na mão)

Sempre sozinho, sempre meditando, não se sabe sobre o quê. Vamos, façamos as pazes. Vamos beber um conhaque. (Bebem) Hoje devo passar a noite sentado ao piano,. Tocando um monte de bobaginhas. O que fazer?

SOLIONII

— Por que deveríamos fazer as pazes? Nós não brigamos.

TUZENBACH

— O senhor sempre me faz ter a impressão de que nos desentendemos. Seu caráter é muito estranho, devo reconhecer.

SOLIONII (declamando)

— "Estranho eu sou, mas quem não é? Aleko, não se zangue."

TUZENBACH

— O que Aleko tem a ver com isso? (Pausa)

SOLIONII

— Quando estou sozinho com uma pessoa sou igual aos outros. Em grupo, no entanto, fico confuso, e digo um monte de asneiras. Mesmo assim, sou mais honesto e nobre que muita gente. E posso lhe demonstrara isso.

TUZENBACH

— Frequentemente sinto raiva do senhor. Vive me provocando quando estamos na companhia de terceiros. Não obstante, de alguma forma me é simpático. Caramba, hoje quero me embebedar. Vamos beber!

SOLIONII

— Vamos. (Bebe) Com o senhor, barão, nunca tive problemas. Mas o meu caráter é igual ao de Lermontov (Em voz baixa) Dizem até que temos alguma semelhança física. (Retira do bolso um frasco de perfume e derrama um pouco nas mãos.)

TUZENBACH

— Vou passar para reserva, já apresentei o pedido. Basta! Fiquei refletindo por cinco anos, mas finalmente, resolvi. Quero trabalhar.

SOLIONII (declama)

— "Aleko, não se zangue... Esqueça, esqueça esses seus sonhos..."

TUZENBACH

— Trabalharei.

(ENQUANTO ELES FALAM, ENTRA ANDREI COM UM LIVRO NA MÃO E SENTA-SE

PERTO DA VELA.)

TCHEBUTIKIN (Entra na sala acompanhado de Irina)

— E fomos tratados à moda caucasiana. Sopa de cebolas e assado de tchekhartina, um tipo de carne.

SOLIONII

— A tcheremcha nunca foi carne, é um vegetal, parecido com a cebola.

TCHEBUTIKIN

— Querido, a tchekhartina não é cebola, é carne de cordeiro.

SOLIONII

— E eu lhe digo, que a tcheremcha é cebola.

TCHEBUTIKIN

— E eu lhe digo que é a tchekhartina é carne de cordeiro.

SOLIONII

— E eu lhe digo, que a tcheremcha é cebola.

TCHEBUTIKIN

— Ora, por que essa discussão! O senhor nunca esteve no Cáucaso e tampouco comeu tchekhartina.

SOLIONII

— Não comi porque não gosto. A tcheremcha tem o cheiro do alho.

ANDREI (suplica)

— Basta, senhores, por favor! Pelo amor de Deus, basta!

TUZENBACH

— Quando vêm os mascarados?

IRINA

— Chegam às nove. Logo estarão aqui.

TUZENBACH (abraça Andrei, enquanto canta)

— "Ah, alpendre, meu alpendre, alpendre novo em folha..."

ANDREI (dança e canta)

— "Alpendre novo em folha, feito de carvalho..."

TCHEBUTIKIN (dança)

— "Com treliça!" (Todos riem)

TUZENBACH (beija Andrei)

— Vamos beber à nossa amizade, Andriuchka! Irei para Moscou junto com você, para a universidade, Andriuchka.

SOLIONII

— Qual? Em Moscou há duas universidades.

ANDREI

— Em Moscou há uma universidade.

SOLIONII

— Pois eu digo que há duas.

ANDREI

— Por mim pode haver até três. Para mim tanto faz.

SOLIONII

— Em Moscou há duas universidades! (Protestos e assobios) A velha e a nova. E se os senhores não prestam atenção, ou não lhes agrada o que eu digo, então posso calar-me e até mudar de sala. (Sai por uma das portas)

TUZENBACH

— Viva! Viva! (Ri) Senhores, podemos começar, vou me sentar ao piano. Que sujeito engraçado esse, Solionii. (Senta-se diante do piano e toca uma valsa)

MACHA (dança a valsa sozinha)

— O barão está alto, o barão está alto!

(ENTRA NATACHA.) NATACHA (chama Tchebutikin)

— Ivan Romanitch! (Diz algo a Tchebutikin, depois sai em silêncio. Tchebutikin pousa a mão no ombro de Tuzenbach e cochicha algo.)

IRINA

— O que é?

TCHEBUTIKIN

— Já vou embora, meus respeitos.

TUZENBACH

— Boa noite. Temos de ir.

IRINA

— Mas como? ... e os mascarados?

ANDREI (constrangido)

— Os mascarados não virão... Veja, querida. Natacha disse que Bobik está um pouco adoentado. Enfim... não sei. Para mim tanto faz...

IRINA (encolhe os ombros) — Bobik está doente!

MACHA

— O que fazer? Se nos enxotam temos de ir (A Irina) Não é Bobik que está doente, e sim ela... aqui! (Aponta como dedo a testa) É uma burguesinha! (Andrei sai pela porta da direita, Tchebutikin o segue, na sala de jantar começam as despedidas)

FEDOTIK

— Que pena, eu estava certo de que iria passar a noite aqui, mas se a criança está doente, então é claro que...Amanhã vou lhe trazer algum brinquedo.

RODE (em voz alta)

— Dormi de propósito hoje de tarde para poder dançar a noite toda. Ainda não são nem nove horas...

MACHA

— Vamos sair, lá fora decidiremos o que fazer. (Ouvem-se as últimas despedidas: “Adeus! Deus o guarde!” Tuzenbach dá gargalhadas. Todos se retiram. Anfissa e a criada tiram a mesa e apagam as luzes. Ouve-se a babá cantar. Silenciosamente entra Andrei de capa e chapéu, acompanhado de Tchebutikin)

TCHEBUTIKIN

— Eu não me casei porque a minha vida passou rápido como um relâmpago, e também porque amei loucamente a sua mãe, que já era casada então.

ANDREI

— Não se deve casar-se, não se deve. É enfadonho.

TCHEBUTIKIN

— Isso é verdade, mas e a solidão! Pode-se filosofar à vontade, mas a solidão é uma coisa terrível, meu irmãozinho... Embora na realidade... Naturalmente, decididamente, tanto faz.

ANDREI

— Apressemo-nos

TCHEBUTIKIN

— Para que nos apressarmos? Temos tempo de sobra.

ANDREI

— Receio que a minha mulher nos retenha.

TCHEBUTIKIN

— Que nada.

ANDREI

— Hoje não vou jogar, apenas ficarei sentado. Não me sinto bem... O que devo fazer, Ivan Romanitch, para aliviar os distúrbios respiratórios?

TCHEBUTIKIN

— Por que você me pergunta? Não me lembro mais, querido. Não sei mais.

ANDREI

— Vamos sair pela cozinha! (Saem. Soa a campainha, volta a soar, ouvem-se vozes e risos) IRINA (entra) — Quem é?

ANFISSA (sussurrando)

— São os mascarados. (Soa a campainha de novo)

IRINA

— Diga-lhes, babá, que não tem ninguém em casa. Que nos perdoem. (Anfissa sai. Irina anda de um lado para o outro na sala, imersa em pensamentos; está agitada. Entra Solionii.)

SOLIONII (surpreso)

— Não há ninguém? .... Aonde foram todos?

IRINA

— Foram para casa.

SOLIONII

— Estranho. A senhora está sozinha?

IRINA

— Sozinha... (Pausa) Bem, então adeus.

SOLIONII

— Há pouco não me portei com moderação, devia ter tido mais tato. Mas a senhora não é como os outros – é nobre e pura – a senhora enxerga a verdade. Só a senhora poderá me entender. Eu a amo, amo-a profundamente, infinitamente.

IRINA

— Está bem, adeus. Vá embora.

SOLIONII

— Não posso viver sem a senhora! (Segue-a) Oh, meu encanto. (Entre lágrimas) Oh, minha felicidade. A senhora tem os olhos mais maravilhosos, magníficos e fascinantes que eu já vi numa mulher.

IRINA (com frieza)

— Pare com isso, Vasilii Vasilievitch!

SOLIONII

— É a primeira vez que lhe falo do meu amor, e sinto como se nem estivesse na terra, e sim numa outra estrela. (Esfrega a testa) Bem, tanto faz. não se pode obter amor à força. Porém não admitirei um rival afortunado... não admitirei... juro pelo que existe de mais sagrado que o matarei.... oh, criatura maravilhosa!...

(NATACHA ATRAVESSA A CENA COM UMA VELA NA MÃO)

NATACHA (à porta de um quarto, assoma a cabeça para dentro e olha; faz o mesmo noutro quarto e então passa diante da porta que leva ao quarto do marido)

— Andrei está aqui, deixem-no ficar lendo. Perdoe-me Vailii Vasilievitch. Não sabia que o senhor estava aqui. Estou passeando de penhoar.

SOLIONII

— Por mim... Adeus (Sai)

NATACHA

— E você está cansada, minha pobre e querida menina (Beija-a) Devia deitar-se mais cedo.

IRINA

— Bobik está dormindo?

NATACHA

— Sim, mas dorme um sono agitado. Estou me lembrando agora, quis lhe dizer algumas coisas, mas ou você não estava aqui ou estava sem tempo... Parece-me que o quarto atual de Bobik é frio e úmido. O seu quarto lhe serviria muito bem. Talvez, querida, você devesse mudar para o quarto de Olga.

IRINA (sem compreender)

— Para onde? (Ouve-se as campainhas de uma troica que se aproxima e para diante da casa.)

NATACHA

— Por enquanto você pode dormir no mesmo quarto com Olga e só seu quarto será de Bobik. Ele é um encanto! Hoje eu lhe disse: “Oi, Bobik, oi Bobik querido!” E ele me olhou com aqueles olhinhos!... (Soa a campainha) Decerto é Olga. Chega tão tarde. (A criada dirige-se até Natacha e lhe diz algo no ouvido)

NATACHA

— Protopopov? Que extravagante! Protopopov está aqui e me pede para ir passear de trenó com ele. (Ri) Os homens são tão estranhos! (Soa a campainha) Chegou alguém. Talvez eu saia por um quarto de hora... (À criada) Diga que volto logo. (Soa a campainha) Decerto é Olga. (Sai)

(A CRIADA SAI CORRENDO. IRINA ESTÁ SENTADA, SUBMERSA EM PENSAMENTOS. ENTRAM KULIGUIN, OLGA E, ATRÁS DELES, VERCHININ.)

KULIGUIN

— Ah, disseram-me que haveria uma festa aqui.

VERCHININ

— Estranho, quando fui embora há pouco, meia hora atrás estavam à espera dos mascarados...

IRINA

— Todos se foram.

KULIGUIN

— Ora, senhorita caprichosa...

OLGA

— A reunião só terminou agora há pouco estou morta. A diretora ficou doente e sou eu quem a substitui. A minha cabeça.... ai, como dói a minha cabeça... (Senta-se) Ontem Andrei perdeu pelo menos duzentos rublos no jogo. A cidade toda fala nisso...

KULIGUIN

— Sim, a reunião cansou a mim também. (Senta-se)

VERCHININ

— Pois a minha mulher tentou de novo me assustar e por pouco não se envenenou. Agora está tudo bem, e estou feliz por poder descansar um pouco... Então temos de partir? Permitam-me desejar-lhes uma boa noite. Fiodor Ilitch, venha comigo a um lugar qualquer! Não posso ficar em casa, não posso... Vamos!

KULIGUIN

— Estou cansado. Não vou (Levanta-se) Estou cansado. Minha esposa foi para casa?

IRINA

— Decerto.

KULIGUIN (Beija a mão de Irina)

— Adeus. Amanhã e depois de amanhã posso descansar o dia inteiro. Fiquem com Deus! (Dispõe-se a partir) Mas bem que eu gostaria de tomar um pouco de chá. Pretendia passar a noite em companhia agradável, mas fallacem hominum spem! Acusativo com exclamação.

VERCHININ

— Então vou sozinho. (Sai assobiando, seguido por Kuliguin)

OLGA

— Estou com dor de cabeça... Andrei perdeu no jogo... a cidade inteira fala nisso... Vou me deitar. (Dispõe-se a se retirar) Amanhã terei o dia livre... Meu Deus, que felicidade!... Livre amanhã e livre também depois de amanhã... ai, a cabeça, a cabeça... (Sai)

IRINA

— Todos se foram... não restou ninguém aqui... (Ouve-se da rua o som de um acordeão, a babá canta.)

NATACHA (Atravessa a sala de jantar vestindo um casaco de peles e um gorro; atrás dela, a criada)

— Dentro de meia hora estarei de volta. Vou só dar uma volta de trenó. (Sai)

IRINA (Sozinha, abatida)

— Moscou!... Moscou!... Moscou!...

CORTINA

TERCEIRO ATO

QUARTO DE OLGA E IRINA. À ESQUERDA E À DIREITA, CAMAS CERCADAS POR BIOMBOS. SÃO MAIS OU MENOS TRÊS HORAS DA MADRUGADA. FORA DA CENA SE OUVE O REPICAR DOS SINOS; ESTÁ HAVENDO UM INCÊNDIO, QUE JÁ DURA BASTANTE TEMPO. VÊ-SE QUE NA CASA AINDA ESTÃO TODOS ACORDADOS.

MACHA, DE ROUPA PRETA, COMO SEMPRE, ESTÁ DEITADA NO DIVÃ. ENTRAM OLGA E ANFISSA.

ANFISSA

— Agora estão sentadas lá embaixo na escada. Eu lhes digo: "Subam, por favor, assim não está certo..." Mas elas só choram e repetem: "Não sabemos onde está o papai! Pode ser que ele tenha morrido nomeio do fogo!" Esse pensamento é terrível. E há também gente pelo pátio... também sem roupa.

OLGA (tirando roupas do armário)

— Tome esta cinzenta... e mais este. E este casaquinho. E esta saia. Tome, babá! Meu Deus, o que foi isso? Parece que toda a Rua Kirsanov virou um amontoado de cinzas. Tome mais isto... e isto. (Joga as roupas para Anfissa) Os Verchinin, coitados, estavam assustadíssimos. Por pouco a casa deles não pegou fogo também. Hoje vão dormir aqui. Não os deixaremos ir para casa... Ao coitado do Fedotik nada restou... queimou tudo...

ANFISSA

— Oliuchka, você devia chamar Ferapont. Sozinha não dou conta...

OLGA (toca a campainha)

— Ninguém responde... (Chama, indo até a porta) Ei, tem alguém aí? (Pela porta aberta se divisa uma janela que reflete o fogo; ouve-se o carro de bombeiros passar diante da casa) Que noite horrível! Não aguento mais!

(ENTRA FERAPONT.)

OLGA

— Tome, leve isto para baixo. Aí debaixo da escada estão as senhoritas Kolotilin... dê isto a elas... E isto também...

FERAPONT

— Sim, senhora. Em doze, Moscou também ardeu em cinzas. Deus, meu Senhor! Os franceses ficaram admirados.

OLGA

— Está bem, vá...

FERAPONT

— Sim, senhora (sai)

OLGA

— Babá, dê tudo a eles. Nós não precisamos de nada... Estou tão cansada, mal me aguento em pé... Não deixaremos os Verchinin irem para casa. As crianças podem dormir no salão. Aleksander Ignatitch, lá em baixo, com o barão. Fedotik também pode ficar com o barão ou aqui, na sala de jantar. O doutor, como se de propósito, está de novo embriagado, tremendamente embriagado. Para lá ninguém pode ir. E a esposa de Verchinin, também no salão...

ANFISSA (exausta)

Oliuchka, querida... não me enxote!... Não me enxote!

OLGA

— Ora, não diga bobagens, babá, ninguém vai enxotá-la.

ANFISSA (deita a cabeça no peito de Olga)

— Minha querida, meu tesouro, eu trabalho, em esforço. Quando me faltarem forças, então me dirão: "Vá com Deus!" ... Mas aonde posso ir? Com oitenta anos... Vou fazer oitenta e dois...

OLGA

— Sente-se um pouco, babá. Está cansada, pobrezinha... (Faz com que ela se sente) Descanse, pobrezinha, ai como está pálida!

(ENTRA NATACHA)

NATACHA

— Estão dizendo que se deve organizar uma ação de ajuda imediata aos flagelados. Excelente ideia, não é? Uma idéia magnífica. Os pobres em geral devem ser socorridos o mais rápido possível. É obrigação dos ricos. Bobik e Sofotchka

dormem como se nada tivesse acontecido. A casa inteira está entulhada, por onde ando há gente por toda parte. O problema é que há uma epidemia de gripe pela cidade e temo que as crianças se contagiem. OLGA (não lhe presta atenção)

— Deste quarto não se vê o incêndio. Aqui está tudo tranqüilo.

NATACHA

— Sim... Estou muito despenteada... (Diante do espelho) Dizem que engordei... Não é verdade! Nem um pouco! E Macha está dormindo, cansou-se coitada... (A Anfissa, fria) Quando estou aqui não se atreva a ficar sentada! Levante-se, saia daqui! (Anfissa sai. Pausa) Não posso entender por que você mantém essa velha.

OLGA (perplexa)

— Desculpe, tampouco eu entendo.

NATACHA

— Não há razão para ela estar aqui. É uma camponesa, e seu lugar é na aldeia. Para que mimá-la? Gosto quando está tudo em ordem na casa. Aqui não há lugar para gente inútil (Acaricia o rosto de Olga) Está cansada, pobrezinha. Nossa diretorinha está cansada. Quando a minha Sofotchka crescer e entrar para o ginásio, sei que terei medo de você.

OLGA

— Eu não serei diretora.

NATACHA

— Mas você será eleita, Oliuchka. Já está resolvido.

OLGA

— Recusarei. Não posso... Não iria conseguir... (Bebe água) Há pouco você foi muito grosseira com a babá. Perdoe-me, mas eu não posso suportar isso... fiquei com a vista turva...

NATACHA (agitada)

— Perdoe-me Olga querida, não quis afligi-la (Macha levanta-se, pega o travesseiro e retira-se furiosa)

OLGA

— Compreenda querida, que talvez nós tenhamos sido educadas de modo estranho, mas eu não posso suportar isso. Esse tipo de comportamento me deprime... eu fico doente...

NATACHA

— Bem, me perdoe. (Beija-a)

OLGA

— A mínima grosseria, uma palavra menos delicada, me altera...

NATACHA

— Pode ser que às vezes eu fale demais. Mas você tem de reconhecer, querida: a babá bem que poderia ter ficado na aldeia.

OLGA

— Ela está conosco há trinta anos.

NATACHA

— Mas já não pode trabalhar. Ou sou eu quem não entende ou é você que não quer me entender. Ela não serve para o trabalho; só dorme ou fica sentada.

OLGA

— Então que fique sentada.

NATACHA (admirada)

— Ficar sentada? Mas é uma criada! (Desata a chorar) Não a compreendo, Olga. Tenho uma babá, uma ama-de-leite, uma criada, uma cozinheira... Então para que precisamos dessa velha? Para quê? (Ouve-se o repicar dos sinos)

OLGA

— Envelheci dez anos esta noite.

NATACHA

— Temos de tratar desse assunto, Olga. Você está no liceu e eu fico aqui; você dá aula, eu cuido da casa. E se eu disser algo dos criados, sei o que estou dizendo; sei o que es-tou di-zen-do... Assim sendo, amanhã não quero ver mais essa velha ladra, essa decrépita! (Bate os pés) Não quero ver essa velha bruxa! E parem de me irritar! Entenderam? (Bate os pés) Não quero ver essa velha bruxa! E parem de me irritar!

Entenderam? (Controla-se) Está vendo? Se você não mudar para o andar de baixo, vamos brigar sempre. É horrível.

(ENTRA KULIGUIN)

KULIGUIN

— Onde está Macha? Podemos ir para casa. O fogo está diminuindo, dizem... (Espreguiçando-se) Apenas um bairro foi atingido, apesar de no início o vento ter dado a impressão de que o incêndio tomava conta da cidade inteira. (Senta-se) Estou cansado. Olga, minha querida Olga... penso frequentemente: se não fosse por Macha eu teria me casado com você, Olga. Você é tão boa... Estou fatigado. (Fica escutando)

OLGA

— O que é?

KULIGUIN

— Justamente hoje, como se de propósito, o doutor embebedou-se para valer. De propósito. (Levanta-se) Parece ser ele... Está ouvindo? Sim, é ele mesmo... (Ri) Que figura! Vou me esconder aqui. (Esconde-se no canto, junto ao armário) Que velhaco!

OLGA

— Não bebia há dois anos, e agora de repente... (Dirige-se com Natacha para o fundo da sala. Aparece Tchebutikin . Atravessa a sala com passos firmes, como uma pessoa sóbria, pára, olha ao redor, depois se dirige ao lavabo e começa a lavar as mãos.)

TCHEBUTIKIN (com ar taciturno)

— Que o diabo os carregue! Pensam que por ser médico eu posso curar todas as enfermidades. Pois eu não curo mais nada, esqueci tudo o que sabia, não sei mais nada, absolutamente nada. (Olga e Natacha saem sem Tchebutikin perceber) Que o diabo os carregue! Quarta-feira passada atendi no aterro uma mulher doente; ela morreu, e fui eu quem causou a sua morte. Sim... Vinte e cinco anos atrás eu ainda sabia algumas coisas, mas agora esqueci tudo. Tudo. Talvez eu nem seja mais um homem, só finja que tenho braços, pernas, cabeças. Talvez nem esteja mais vivo e só me pareça que ando, como e durmo. (Desata a chorar) Ai, se eu não existisse! (Já não chora mais; taciturno) Tanto faz. Tanto faz como tanto fez... Anteontem conversavam no clube; falavam sobre Shakespeare e Voltaire... Eu não li nada de nenhum dos dois, mas fiz um cara de quem tinha lido. E os outros, a mesma coisa. Canalhice! Baixeza!

E aquela mulher que deixei morre na quarta-feira me veio à mente e pesou na minha alma, e tudo era tediosos, sujo, repulsivo... Saí e me embebedei (Entram Irina, Verchinin e Tuzenbach; Tuzenbach usa roupas civis da moda)

IRINA

— Vamos sentar um pouco. Aqui não seremos perturbados.

VERCHININ

— Se não fossem os soldados a cidade inteira teria ardido. Ótimos rapazes. (Esfrega as mãos de contentamento) Grandes sujeitos, rapazes formidáveis!

KULIGUIN (aproxima-se)

— Que horas são agora, senhores?

TUZENBACH

— Quase quatro. Já amanhece.

IRINA

— Estão todos sentados na sala de jantar, ninguém vai embora. Lá está o seu Solionii também. (A Tchebutikin) Doutor, vá dormir!

TCHEBUTIKIN

— Não há de quê... Obrigado... (Penteia a barba.)

KULIGUIN (ri)

— Então, Ivan Romanitch, tomou um grande pileque! (Dá-lhe palmadas no ombro.) Sujeito formidável! In vino veritas – diziam os antigos.

TUZENBACH

— Todos me pedem para organizar um concerto em benefício das vítimas do incêndio.

IRINA

— Sim, mas quem...

TUZENBACH

— Se quisermos de verdade, poderemos organizá-lo. Na minha opinião Maria Serguêievna toca piano maravilhosamente.

KULIGUIN

— Sim, maravilhosamente!

IRINA

— Já esqueceu. Há três anos não toca... talvez até quatro.

TUZENBACH

— Ninguém na cidade entende de música, uma alma viva sequer, mas eu sim, eu entendo, e posso lhes assegurar que Maria Serguêievna toca magnificamente, é muito talentosa.

KULIGUIN

— O barão tem razão. Gosto muito de Macha. É uma mulher excepcional.

TUZENBACH

— Tocar bem e sentir que ninguém, mas ninguém, a entende!

KULIGUIN (suspira)

— Sim... Porém será de bom tom ela se apresentar num concerto? (Pausa) Na verdade, senhores, eu nada sei. Pode ser uma boa ideia. Devo admitir que o nosso diretor é um homem bom, e até muito bom e inteligente, mas tem certos pontos de vista... Naturalmente isso não lhe diz respeito, porém mesmo assim, se quiserem falarei com ele sobre isso.

(TCHEBUTIKIN TOMA NAS MÃOS UM RELÓGIO DE PORCELANA E O EXAMINA) VERCHININ

— Olhem a minha roupa, me sujei no incêndio. (Pausa) Ontem ouvi dizer que o nosso batalhão será transferido para algum lugar distante. Polônia, segundo uns, para outros Tchita.

TUZENBACH

— Eu também ouvi dizer. A cidade ficará deserta então.

IRINA

— Nós também mudaremos!

TCHEBUTIKIN (deixa cair o relógio de porcelana, que se despedaça)

— Quebrou! (Pausa; todos estão penalizados e contrafeitos)

KULIGUIN (recolhe os cacos)

— Era uma coisa tão valiosa... Ivan Romanitch, zero de comportamento!

IRINA

— E o relógio era da nossa falecida mãe.

TCHEBUTIKIN

— Talvez... fosse da sua mãe... talvez eu nem o tenha quebrado, só pareça que o quebrei. Talvez só pareça que estamos vivos, também, e na realidade nem estejamos. Eu nada sei. Ninguém sabe nada. (Da porta) O que estão olhando? Natacha está tendo um pequeno romance como Protopopov e vocês nem veem. Ficam sentados aqui e não veem nada, no entanto Natacha é amante de Protopopov... (Canta) “Recebam esta tâmara de presente...” (Sai)

VERCHININ

— Sim (Ri) Na realidade tudo isso é muito estranho. (Pausa) Quando começou o incêndio, fui às pressas para casa. Na medida que me aproximava, vi que a casa não corria perigo, não pegara fogo. Mas as minhas filhinhas estavam paradas de camisola na soleira da porta, a mãe não estava – a rua apinhada de gente, os cavalos correndo, cachorro – e no rosto delas uma expressão de ansiedade, terror, súplica, sei lá mais o quê. Senti um aperto no coração quando vi aqueles rostos. Meu Deus, pensei, quanto sofrimento estará reservado para essas meninas ao longo da vida. Agarrei-as e corri com elas, mas sempre com a mesma ideia na cabeça: o que essas pobres meninas terão ainda de enfrentar! (Toca o alarme. Pausa) E ao chegar aqui encontro a mãe delas, que grita e ralha... (Entra Macha com uma almofada e senta-se no divã) E quando as minhas filhas estavam lá paradas, seminuas, na soleira, e a rua era iluminada pelo fogo e havia uma gritaria infernal, então lembrei que algo parecido acontecera muitos anos atrás quando o inimigo nos surpreendeu e saqueava e incendiava tudo pelo caminho... afinal qual é a diferença entre aquilo que foi e o que está sendo? Passado algum tempo, talvez uns duzentos ou trezentos anos, a nossa vida será lembrada com horror e troça, tudo o que existe hoje vai parecer disforme, pesado, sumamente incômodo e estranho. Oh, que vida será aquela, que vida! (Ri) Perdoe-me, de novo estou filosofando. Permitam-me, senhores, que continue, tenho de filosofar agora, meu estado de espírito me pede. (Pausa) Todos dormem. Então, como eu dizia: que vida não será! Imaginem só... nesta cidade existem hoje apenas três pessoas como os senhores, porém nas gerações futuras existirão sempre mais e mais, e haverá um tempo em que tudo será como nós sonhamos. Todos viverão como os senhores; depois os senhores também

envelhecerão e virão outros homens, melhores que os senhores...(Ri) Hoje estou num estado de ânimo singular. Tenho uma vontade terrível de viver! (Canta) "Ame sempre e ame de novo, o amor é um tormento delicioso..." (Ri)

MACHA

— Tram-tam-tam...

VERCHININ

— Tam-tam...

MACHA

— Tra-la-lá...

VERCHININ

— La...lá... (Ri. Entra Fedotik)

FEDOTIK (dançando)

— Queimou tudo! Tudo o que eu tinha virou cinza! (Risos)

IRINA

— Que brincadeira é essa? Perdeu tudo?

FEDOTIK (ri)

— Tudo, tudo! Não me restou nada, o violão, a máquina fotográfica, todas as cartas, tudo queimou. Quis presenteá-la com uma agenda, ela também queimou! (ENTRA SOLIONII.)

IRINA

— Peço-lhe que vá embora, Vasilii Vailitch... o senhor não cabe aqui num momento como este.

SOLIONII

— E por que então o barão pode ficar, se eu não posso?

VERCHININ

— De fato devemos ir. Como está o incêndio?

SOLIONII

— Está amainando, dizem. Estranho muito eu o barão possa ficar aqui e eu não. (Tira do bolso um frasco de perfume e se borrifa com ele)

VERCHININ

— Tram-tam-tam...

MACHA

— Tam-tam...

VERCHININ (ri para Solionii) — Vamos à sala de jantar.

SOLIONII

— Está bem, tomarei nota. Podia falar muito a respeito, mas deixemos isso para lá (Olhando em direção a Tuzenbach) Tsip... tsip... tsip... (Sai com Verchinin e Fedotik)

IRINA

— Que cheiro de fumaça deixou esse Solionii. (Surpresa) O barão está dormindo! barão! Barão!

TUZENBACH (Acorda)

— Na verdade, estou um pouco cansado... A olaria... não é sonho, não. Logo, logo eu começarei a trabalhar na olaria. Já mantive contatos. (A Irina, com ternura) A senhora é tão pálida, tão bonita, tão encantadora. Sua palidez parece iluminar o ar escuro, como uma luz... Está triste e insatisfeita com a vida... Oh, venha comigo e trabalhemos juntos!

MACHA

— Nikolai Lvovitch, vá embora.

TUZENBACH (ri)

— A senhora está aqui? Não a vi... (Beija a mão de Irina) Adeus, eu vou indo. Há pouco a observava e lembrei-me de que certa feita, há muito, muito tempo, no dia da sal santa, disse alegre e jovial: como é delicioso trabalhar! Que vida feliz eu imaginava então! E onde ela está? (Beija-lhe a mão) Tem lágrimas nos olhos. Vá dormir, já está amanhecendo... Rompe o dia... Ai, se eu pudesse dar a vida pela senhora!

MACHA

— Nikolai Lvovitch, vá embora. Isso já é demais...

TUZENBACH

— Já vou, já vou (Sai)

MACHA (recosta no divã) — Está dormindo, Fiodor?

KULIGUIN

— O quê?

MACHA

— Melhor você ir para casa.

KULIGUIN

— Querida Macha... cara Macha.

IRINA

Macha está cansada. Deixe-a descansar.

KULIGUIN

— Já vou... Minha esposa é uma ótima mulher, é uma mulher magnífica. Minha querida, eu a amo, só a você...

MACHA (irritada)

— Amo, amas, amant, amamus, amatis, amant.

KULIGUIN (ri)

— Sim, é uma mulher deveras extraordinária. Vivemos juntos há sete anos, e para mim é como se tivéssemos casado ontem, palavra de honra. Sim, é uma mulher extraordinária, mesmo.

Estou feliz... feliz, feliz, feliz.

MACHA

— E eu estou até aqui. Até aqui, até aqui! (Senta-se no divã e fala sentada) É simplesmente revoltante... não me sai da cabeça. Estou falando de Andrei. Hipotecou a casa no banco e a esposa embolsou todo o dinheiro. E a casa não é só dele, é de nós quatro! Ele precisa reconhecer isso, se for uma pessoa honrada.

KULIGUIN

— Ora, Macha, que necessidade tem você do dinheiro? O pobre Andriucha está endividado até o pescoço, deixe-o, peço-lhe.

MACHA

— Mas é revoltante! (Volta a recostar-se)

KULIGUIN

— Nós dois somos pobres. Eu trabalho, dou aulas no liceu, e também aulas particulares...Sou um homem honesto.. Um homem simples... Omnia mea mecum porto – como diziam os antigos.

MACHA

— Nem eu quero o dinheiro, mas o que ele fez é revoltante. (Pausa) Vá embora, Fiodor!

KULIGUIN (beija-a)

— Você está cansada, descanse meia hora, eu vou sentar num canto e aguardo... durma. (Põe-se a andar) Estou feliz, estou feliz. (Sai)

IRINA

— Como nosso Andrei ficou miúdo, como perdeu o valor e envelheceu ao lado dessa mulher! Houve um tempo em que ele pretendia ser professor universitário, e ontem se vangloriava por finalmente ter sido designado membro do conselho municipal. Ele é membro onde o Protopopov é presidente. Toda a cidade fala e ri disso, apenas ele não sabe, não vê nada... Agora, quando todos acorreram ao fogo, ele ficou sentado no quarto sem se importar. Sempre tocando aquele violino. (Nervosa) Mas isso é horrível, horrível, horrível! (Desata a chorar) Não posso, não posso aguentar mais! Não posso, não posso! (Entra Olga, começa a pôr ordem em torno da mesa)

IRINA (chora convulsivamente)

— Ponham-me na rua, ponham-me na rua, eu não aguento mais!

OLGA (assusta-se)

— O que você tem? O que você tem, querida?

IRINA

— Onde tudo foi parar? Onde foi parar? Onde? Meu Deus, meu Deus! Esqueci tudo, tudo! Na minha cabeça está tudo embaralhado... Não sei mais como se diz em italiano “janela” ou "teto”... Esqueço tudo, cada dia mais e mais, e a vida se esvai, e nunca voltará, nunca mais. Nunca iremos a Moscou... Sinto que nós nunca sairemos daqui.

OLGA

— Minha querida, minha querida...

IRINA (controla-se)

— Oh, que desgraça eu sou... Não sei trabalhar, não vou mais trabalhar. Chega, chega! Trabalhei nos correios, agora trabalho na prefeitura e detesto, desprezo o meu trabalho... Completei vinte e três anos, trabalho há muito tempo e os meus miolos estão secando, emagreci, enfeei, estou também envelhecendo, e não vejo recompensa alguma! No entanto o tempo passa e sinto que cada vez mais e mais me distancio da vida bela e verdadeira e me aproximo de algum abismo. Estou desesperada, e não compreendo como ainda estou viva, como ainda não acabei com a minha vida, não compreendo.

OLGA

— Não chore, meu bem, não chore. Isso me dói tanto!

IRINA

— Não choro. Já não estou mais chorando. Passou... Está vendo? Já não choro mais. Passou...pronto!

OLGA

— Meu bem, digo-lhe isso como irmã mais velha, como amiga, aconselho-a a se casar como barão (Irina chora baixinho e lhe tem grande estima... Verdade que é feio, mas é um homem honrado e tão nobre... As pessoas não se casam por amor, e sim para cumprirem sua obrigação. Pelo menos eu penso assim, e me casaria mesmo sem amor. Eu me casaria com qualquer um, desde que fosse uma pessoa decente. Mesmo com alguém mais velho...

IRINA

— Sempre esperei que, quando mudássemos para Moscou, lá eu encontraria o verdadeiro... sonhava com ele, e o amava... E agora descobri que tudo não passou de bobagem.

OLGA (abraça a irmã)

— Minha doce e bela irmãzinha, eu a compreendo... Quando o barão deixou o exército e nos visitou pela primeira vez em roupas civis, ele me pareceu tão feio que eu também desatei a chorar. Ele me perguntou: “Por que a senhora está chorando?”

O que eu podia lhe responder? Mas se a vontade de Deus for que você se case com ele, eu serei feliz... Pois isso é completamente diferente... completamente...

(PELA PORTA DA DIREITA ENTRA NATACHA; COM UMA VELA NA MÃO, ATRAVESSA

A CENA SILENCIOSAMENTE E SAI PELA ESQUERDA.)

MACHA (senta-se)

— Caminha como se fosse a responsável pelo incêndio.

OLGA

— Como você é tola, Macha. Você é a mais tola de toda da família. Perdoe-me, por favor. (Pausa)

MACHA

— Preciso fazer-lhes uma confissão, queridas irmãs... Minha alma não está em paz. Vou confessar-lhes, e depois não falarei mais a ninguém...Já vou começar. (Em voz baixa) É meu segredo, porém vocês têm de saber. Não posso mais calar-me (Pausa) Estou apaixonada... amo esse homem... estava aqui agora mesmo, vocês o viram... Bem... em resumo... amo Verchinin.

OLGA (dirige-se para trás do biombo) Ora, com licença. Nem quero ouvir.

MACHA

— Mas o que posso fazer? (Leva as mãos à cabeça) No início achava-o estranho... depois senti pena dele. Por fim passei a gostar dele, da sua voz, de suas palavras, de suas inúmeras desgraças e das duas filhas.

OLGA (de detrás do biombo)

— Nem quero ouvir... Por mim pode dizer qualquer tolice que eu não ouço.

MACHA

— Você é boba, Olga! Amo-o, e essa é a minha sina. É meu destino... E ele também me ama... Isso é terrível, e não está certo, não é? (Toma a mão de Irina e a puxa para SI) Ai minha querida... Como viveremos nossa vida, o que será de nós... Quando lemos isso nos romances parece-nos tudo tão velho e tão fácil de compreender, mas quando somos nós mesmos que amamos, vemos que ninguém sabe nada e cada um deve decidir sozinho a sua vida... minhas queridas, minhas

irmãzinhas... Eu me confessei com vocês. E de agora em diante guardarei silêncio. Farei como o louco de Gogol... "Silêncio... silêncio".

(ENTRA ANDREI, SEGUIDO DE FERAPONT.)

ANDREI (irritado)

— O que você quer? Não o entendo.

FERAPONT (na porta, impaciente)

— Já lhe disse cem vezes. Andrei Serguêievitch...

ANDREI

— Em primeiro lugar, para você eu não sou Andrei Serguêievitch e sim, sua excelência!

FERAPONT

— Sua excelência, os bombeiros solicitam que lhes permita passar pelo jardim para ir até o rio. Senão eles terão de dar voltas e mais voltas, e...

ANDREI

— Está bem, podem passar. (Ferapont sai) Estou cansado de tudo. Onde está Olga? (Olga aparece detrás do biombo) Vim pedir-lhe a chave do armário, perdi a minha. Você tem uma chavezinha igual. (Olga entrega-lhe a chave em silêncio, Irina se dirige à sua cama atrás do biombo. Pausa) Que incêndio tremendo! Agora já começou a diminuir. Esse Ferapont me tirou do sério, e eu lhe disse uma besteira... Sua excelência...(Pausa) Por que está calada, Olga? (Pausa) Parem com essa bobagem de torcer o nariz sem motivo algum. Macha, você está aqui, Irina também, ótimo, vamos conversar às claras, de uma vez por todas. O que vocês têm contra mim? Falem.

OLGA

— Deixe disso, Andriuchka, amanhã nós conversamos. (Nervosa) Que noite terrível!

ANDREI (muito embaraçado)

— Não fique nervosa. Perguntei-lhe coma maior tranquilidade o que têm contra mim. Digam-me com toda sinceridade.

VERCHININ (canta fora de cena) — Tram-tam-tam.

MACHA (levanta-se, cantarola)

— Tra-ta-ta (A Olga) Até mais ver, Olia. Fique com Deus. (Dirige-se para traz do biombo e beija Irina) Durma sossegada... Adeus, Andrei, vá andando, por favor, estamos cansadas. Amanhã poderá conversar à vontade. (Sai)

OLGA

— É isso mesmo, Andrei, deixemos isso para amanhã... (Dirige-se para a sua cama) Está na hora de dormir.

ANDREI

— Apenas quero pôr isso em pratos limpos e em seguida vou, imediatamente... Em primeiro lugar, vocês têm algo contra Natacha, minha mulher, vejo isso desde o dia do nosso casamento. Natacha é uma pessoa excelente, honrada, uma alma franca e nobre – essa é a minha opinião. Amo a minha mulher, respeito-a – entendem? – respeito-a e exijo dos outros que também a respeitem. Repito, é uma mulher excelente e honrada, e vocês estão amuadas assim apenas, perdoem-me, por capricho. (Pausa) Em segundo lugar, parece-me que vocês estão zangadas por eu não ter me tornado professor universitário e não ter seguido a carreira científica. Porém eu trabalho na prefeitura, sou membro do conselho municipal e considero meu cargo tão sagrado e tão importante como qualquer carreira científica. Sim, eu sou membro do conselho, e se quiserem saber, tenho orgulho disso... (Pausa) E em terceiro lugar... Quero dizer ainda...É que... hipotequei a casa sem o consentimento de vocês... Pois bem, sinto-me culpado por isso, e peço-lhes que me perdoem... Minhas dívidas me obrigavam a fazer isso. Trinta e cinco mil. Deixei de jogar há muito, mas o que sobretudo me serve de justificativa é eu vocês, por serem mulheres, recebem uma pensão, enquanto eu... praticamente não tinha rendimento algum... (Pausa)

KULIGUIN (assoma a cabeça na porta)

— Macha não está aqui? (Inquieto) Vocês viram minha mulher? Isso é por demais estranho... (Sai)

ANDREI

— Elas não me ouvem. Natacha é uma mulher excelente e honrada. (Anda em silêncio, de um lado para outro do palco, depois pára) Quando me casei com ela pensava que seríamos felizes, que todos seríamos felizes... Mas, meu Deus... (Desata

a chorar) Queridas irmãs, queridas e boas irmãs, não acreditem em mim, não acreditem! (Sai)

KULIGUIN (assustado, assoma a cabeça na porta)

— Onde está Macha? Minha mulher, não acreditem em mim, não acreditem! (Sai)

KULIGUIN (assustado, assoma a cabeça na porta)

— Onde está Macha? Minha mulher no está aqui? Isso é por demais estranho. (Sai. Ouve-se o repicar dos sinos. A cena está vazia)

IRINA (detrás do biombo)

— Olga! Quem está batendo no assoalho?

OLGA

— É o doutor. Está bêbado.

IRINA

— Que noite agitada! (Pausa) Olga! (Assoma a cabeça no biombo) Você ouviu? A brigada vai embora daqui – será transferida para outro lugar.

OLGA

— São apenas rumores.

IRINA

— Ficaremos sozinhas então...Olga!

OLGA

— O que é?

IRINA

— Minha querida, minha flor, eu respeito e estimo o barão, ele é uma excelente pessoa. Caso-me com ele, não me importa, mas vamos para Moscou! Suplico-lhe, viajemos. Nada no mundo se iguala a Moscou! Vamos para lá, Olga! Vamos para lá!

CORTINA

QUARTO ATO

O VELHO JARDIM DOS PROZOROV. UMA LONGA ALAMEDA DE ABETOS EM CUJA EXTREMIDADE SE DIVISA O RIO. DO OUTRO LADO DO RIO, UM BOSQUE. À DIREITA,

O TERRAÇO DA CASA, ONDE HÁ GARRAFAS E TAÇAS SOBRE A MESA, INDICANDO QUE SE ACABOU DE TOMAR CHAMPANHE. É MEIO DIA. VINDOS DA RUA DE QUANDO EM QUANDO TRANSEUNTES SE DIRIGEM APRESSADOS RUMO AO RIO; CINCO SOLDADOS CRUZAM O PALCO A PASSOS RÁPIDOS.

TCHEBUTIKIN, DE EXCELENTE HUMOR – QUE NÃO O ABANDONARÁ DURANTE TODO O ATO – ESTÁ SENTADO NUMA CADEIRA DE BRAÇOS NO JARDIM, À ESPERA DE QUE O CONVIDEM; ESTÁ DE QUEPE E COM UM BASTÃO. NO TERRAÇO ESTÃO IRINA, KULIGUIN, QUE RASPOU O BIGODE E OSTENTA NO PEITO UMA CONDECORAÇÃO, E TUZENBACH; OS TRÊS SE DESPEDEM DE FEDOTIK E DE RODE, QUE DESCEM PELA ESCADARIA. OS DOIS OFICIAIS VESTEM UNIFORME DE CAMPANHA.

TUZENBACH (troca beijos com Fedotik)

— Você é um bom sujeito, sempre gostei de você... (Beija Rode) Mais uma vez, adeus, garotão...

IRINA

— Até a vista.

FEDOTIK

— Até a vista, não...Adeus para sempre. Nunca mais nos veremos.

KULIGUIN

— Quem sabe? (Enxuga os olhos sorrindo) Olhe, eu também já estou chorando.

IRINA

— Talvez ainda nos encontremos.

FEDOTIK

— Daqui a dez ou quinze anos, mas então mal nos reconheceremos, e nos saudaremos com frieza. (Tira uma foto) Quietos. Mais uma última.

RODE (abraça Tuzenbach)

— Não nos veremos mais!... (Beija a mão de Irina) Obrigado por tudo, por tudo, mesmo!

FEDOTIK (aborrecido) — Espere!

TUZENBACH

— Se Deus quiser, nos encontraremos. Mas escrevam, não deixem de escrever.

RODE (observa o jardim)

— Adeus, árvores! (Grita) Ohôoo! (Pausa) Adeus a você também eco, adeus!

KULIGUIN

— Quem sabe vocês acabarão se casando lá na Polônia. As mulheres polonesas lhes dirão ao abraça-los: "Kokhane!" (Ri)

FEDOTIK (consulta o relógio)

— Mal nos resta uma hora. De toda a bateria apenas Solionii vai de navio, nós iremos com a nossa unidade. Hoje partirão três unidades, amanhã mais três – a cidade ficará silenciosa, muito silenciosa e tranquila.

TUZENBACH

— E terrivelmente monótona.

RODE

— Onde está Maria Serguêievna?

KULIGUIN

— A minha Macha está no jardim.

FEDOTIK

— Gostaria de me despedir dela.

RODE

— Adeus, vamos embora, senão eu acabo chorando... (Dá um rápido abraço em Tuzenbach e em Kuliguin, beija a mão de Irina) Com fomos felizes aqui!

FEDOTIK (a Kuliguin)

— Isto é para o senhor, como recordação. É uma caderneta. Com lápis. Daqui iremos ao rio... (Partem; ambos olham para trás)

RODE

— Ohôoo!

KULIGUIN (grita)

— Adeus! No fundo da cena Macha se encontra com Fedotik e Rode; despedem-se e Macha sai junto com eles.)

IRINA

— Pronto, se foram... (Senta-se no degrau mais baixo da escadaria).

TCHEBUTIKIN

— Esqueceram-se de se despedir de mim.

IRINA

— E o senhor?

TCHEBUTIKIN

— Na verdade também me esqueci. Mas logo os verei de novo, pois viajo amanhã. Sim. Ainda me resta um dia. Daqui a um ano me aposento, e então voltarei aqui, e passarei os últimos anos da minha vida junto de vocês. Mais um ano e me aposento (Guarda o jornal no bolso e puxa outro) Voltarei para cá, para junto de vocês, e começarei uma vida nova. Serei um homem tranquilo, brando e muito generoso...

IRINA

— Sim, querido doutor, tem de mudar de vida, de algum modo....

TCHEBUTIKIN

— Sim, eu também sinto isso. (Cantarola baixinho uma canção de pândegos) "Tarara-tchinbum. Agarrei-me num poste..."

KULIGUIN

— Esse novo Ivan Romanitch é mesmo um pícaro incorrigível! Um pícaro incorrigível!

TCHEBUTIKIN

— Oh, se frequentasse a sua escola, logo me corrigiria.

IRINA

— Fiodor tirou o bigode. Não consigo olhar para ele!

KULIGUIN

— Mas por que não?

TCHEBUTIKIN

— Eu poderia dizer-lhe com o que a sua cara se parece agora, mas prefiro me calar.

KULIGUIN

— E o que isso tem de demais? Assim se faz, é o modus vivendi. O senhor diretor não usa bigode, pois então eu também tirei o meu ao tornar-me inspetor. Ninguém gosta, mas não me importo. Estou feliz. Com o bigode ou sem bigode, eu estou feliz... (Senta-se. No fundo Andrei empurra um carrinho onde dorme o bebê)

IRINA

— Querido Ivan Romanitch, estou muito preocupada. O senhor estava ontem na praça; conte-me, o que aconteceu?

TCHEBUTIKIN

— O que aconteceu? Nada. Bobagem. (Lê o jornal) Nada de importante!

KULIGUIN

— Dizem que Solionii provocou o barão ontem se encontraram defronte ao teatro e..

TUZENBACH

— Pare! Para que falar disso? (Faz um gesto impaciente e entra na casa)

KULIGUIN

— Defronte ao teatro... Solionii provocou o barão, o barão perdeu a calma e disse-lhe algo ofensivo...

TCHEBUTIKIN

— Eu não sei de nada. Tudo isso é disparate.

KULIGUIN

— Conta-se que certa vez o professor anotou no trabalho de um aluno a palavra "disparate" e o aluno leu "dispercit" – pensou que fosse alguma palavra latina... (Ri) É muito engraçado. Dizem que Solionii está apaixonado por Irina e por isso odeia o barão. O que é compreensível. Irina é uma moça muito bonita. Parece-se com Macha, perde-se igualmente em reflexões. Só que você, Irina. É mais suave. Isso na verdade não significa que Macha não tenha também um bom caráter. Eu amo Macha. (Do fundo do jardim, atrás do palco: "Ohôoo!")

IRINA (estremecendo)

— Hoje tudo me assusta. (Pausa) Já está tudo preparado; de tarde despacharei as bagagens. Caso-me com o barão amanhã e amanhã mesmo viajaremos até a olaria; depois de amanhã já estarei dando aulas, uma vida nova começará. Que Deus me ajude! Quando obtive o diploma de professora chorei de alegria, de emoção... (Pausa) Daqui a pouco chega o carroceiro para buscar as coisas.

KULIGUIN

— Tudo isso é bonito, mas não muito sério. Apenas ideias, sem muita seriedade. De qualquer modo, desejo-lhe boa sorte, do fundo do coração.

TCHEBUTIKIN (emocionado)

— Minha boa menina, minha querida... Foi para longe, já não a alcanço mais; fiquei para trás, como esses pássaros migrantes que envelheceram e não podem mais voar. Voem, meus queridos, voem. Que Deus os acompanhe! (Pausa) Fiodor Ilitch, o senhor tirou o bigode à toa.

KULIGUIN

— Ora deixe disso! (Suspira) Os soldados vão embora hoje e tudo voltará a ser como antes. Digam o que quiserem, Macha é uma mulher decente; eu a amo muito, e dou graças ao destino. O destino das pessoas é diverso... na coletoria trabalha um certo Kozirev. Fomos colegas no ginásio, e na quinta série ele foi expulso, pois era incapaz de aprender o que era ut consecutivum. Agora ele vive na

miséria, está doente, e quando nos encontramos, sempre o cumprimento assim: "Olá, ut consecutivum!" É isso mesmo", ele diz, "consecutivum..." e tosse... Para mim, entretanto, a sorte sorriu a vida inteira. Sou feliz, fui até agraciado com o segundo grau da ordem de Stanislav, e ensino aos outros o ut consecutivum. Naturalmente sou também um homem inteligente, mais inteligente eu muitos outros, mas a felicidade não reside nisso. (Dentro da casa ouve-se alguém tocar ao piano a Oração da Virgem)

IRINA

— E amanhã à noite não mais ouvirei a Oração da Virgem, não mais encontrarei esse Protopopov. (Pausa) Está sentado lá na sala. Veio hoje também...

KULIGUIN

— A nossa diretorinha não está aqui?

IRINA

— Não está, mas já mandei chamá-la. Ai, se soubessem como a vida é difícil sem a Olga aqui. Esse cargo de diretora do ginásio a ocupa o dia todo; e eu fico sozinha, sem nada para fazer, me entedio, e odeio o quarto onde moro... Mas me resignei; se não vou para Moscou, decerto esse é o meu destino. O que posso fazer? É a vontade de Deus... Pois é... Nikolai Lvovitch, pediu-me em casamento... E agora? Eu refleti muito e me decidi. Ele é um bom homem, espantosamente bom... E de repente senti minha alma criar assas, a alegria me invadindo o coração está mais leve, e recordei a vontade de trabalhar... Mas ontem aconteceu alguma coisa. Algum segredo paira sobre mim agora.

TCHEBUTIKIN

— Bobagem.

NATACHA (Da janela)

— A diretorinha chegou!

KULIGUIN

— A diretorinha chegou! Então vamos entrar! (Entra na casa junto com Irina)

TCHEBUTIKIN (Lê o jornal e cantarola baixinho)

— "Tarará-tchim-bum... Agarrei num poste..."(Macha se aproxima dele; no fundo Andrei empurra o carrinho de bebê)

MACHA

— O senhor aqui, sentadinho...

TCHEBUTIKIN

— E o que tem isso?

MACHA (senta-se)

— Nada... (Pausa) Amava minha mãe?

TCHEBUTIKIN

— Muito.

MACHA

— E ela o amava também?

TCHEBUTIKIN (depois de uma pausa) — Já não me lembro disso.

MACHA

— O "meu" está aqui? Era assim que Marfa, a cozinheira, chamava antigamente o seu policial, o "meu". O "meu" está aqui?

TCHEBUTIKIN

— Ainda não chegou.

MACHA

— Quando alguém recebe a felicidade de longe em longe, aos pouquinhos, depois a perde, como eu, acaba se tornado duro e amargo. (Aponta para o coração) Aqui dentro ferve algo... (Olha o irmão, Andrei que empurra o carrinho de bebê) Veja o Andrei, nosso irmão. Todas as nossas esperanças foram em vai. Milhares e milhares de homens se empenharam para levantar um sino, gastou-se muito esforço e dinheiro, e entoa o sino de repente despencou e rachou. Sem mais nem menos. Pois esse é o caso de Andrei...

ANDREI

— Quando é que finalmente a tranquilidade voltará a reinar nesta casa? Quanto barulho!

TCHEBUTIKIN

— Logo, logo. (Consulta o relógio) Tenho um relógio à moda antiga; ele bate as horas... (Dá corda no relógio, que então dá batidas.) A primeira, a segunda e a quinta baterias sairão à uma em ponto (Pausa) E eu, amanhã.

ANDREI

— Para sempre?

TCHEBUTIKIN

— Não sei. Talvez volte dentro de um ano. Sabe lá o diabo... Tanto faz...

(De longe chega o som de uma harpa e um violino.)

ANDREI

— A cidade vai ficar vazia. Como se a cobrissem com uma enorme redoma de vidro.

(Pausa) Ontem aconteceu algo diante do teatro. Todos estão comentando, só eu não sei de nada.

TCHEBUTIKIN

— Não aconteceu nada... Bobagem. De novo Solionii provocou o barão, que perdeu a calma e o ofendeu. Então Solionii teve de desafiá-lo para um duelo... (Consulta o relógio) Já tenho de ir... Ao meio— dia no bosque estadual, daqui dá para ver... Do outro lado do rio... pif-paf (Ri) Solionii imagina que é Lermontov, faz até versos! Brincadeiras à parte, esse já é o seu terceiro duelo.

MACHA

— De quem?

TCHEBUTIKIN

— De Solionii.

MACHA

— E o barão?

TCHEBUTIKIN

— Que barão? (Pausa)

MACHA

— Tudo está confuso na minha cabeça... Eu quis dizer que isso não devia ser permitido. Pois ele poderá ferir o barão, ou talvez até matá-lo.

TCHEBUTIKIN

— O barão é uma boa pessoa, mas um barão a mais, um barão a menos... tanto faz! Deixem! Tanto faz! (De longe se ouve um grito: "Ei!") Não tenha tanta pressa. É Skvortzov, o padrinho. Já está sentado no barco. (Pausa)

ANDREI

— Na minha opinião, participar de um duelo ou apenas comparecer mesmo que seja na qualidade de médico, é simplesmente imoral.

TCHEBUTIKIN

— É só aparência. Nós nem existimos, nada no mundo existe, apenas parece existir... Tanto faz como tanto fez!

MACHA

— O dia inteiro é assim... Só dizendo essas coisas... (Começa a andar) ter de viver num clima desses, temendo que no minuto seguinte comece a nevar, e ainda por cima ouvindo essas conversas... (Detém-se) Não vou entrar na casa, não posso... Se Verchinin chegar, me avisem. (Dirige-se para a alameda) E os pássaros migrantes já estão seguindo para o sul. (Olha para o céu) São cisnes ou gansos? Oh, queridos, vocês são felizardos... (Sai)

ANDREI

A casa ficará vazia, os oficiais viajarão, o senhor viajará, minha irmã vai se casar e eu ficarei sozinho na casa.

TCHEBUTIKIN

— E sua esposa?

(ENTRA FERAPONT COM CARTAS PARA ASSINAR)

ANDREI

— A esposa é a esposa. Ela é uma mulher boa, honrada, bastante decente, mas algo nela a torna mesquinha, miúda e cega, algo animalesco. Não, ela não é humana. Digo-lhe isso como a um amigo, a única pessoa a quem posso abrir o coração. Amo Natacha, sim, amo-a, mas às vezes acho que ela é assombrosamente

vulgar, e então fico desconcertado, não compreendo porque e por que a amo, ou pelo menos a amei algum dia...

TCHEBUTIKIN (levanta-se)

— Eu, amiguinho, viajarei amanhã; talvez não nos vejamos mais, assim dou-lhe um bom conselho. Sabe de uma coisa? Pegue o seu chapéu, a bengala, e vá embora. Vá andando, andando, sem olhar para trás. E quanto mais longe você for, melhor será.

(AO FUNDO PASSA SOLIONII ACOMPANHADO DE DOIS OFICIAIS; AO VER

TCHEBUTIKIN, APROXIMA-SE DELE. OS OFICIAIS SEGUEM ANDANDO.)

SOLIONII

— Doutorzinho, está na hora, já é meio dia e meia. (Solionii e Andrei se cumprimentam)

TCHEBUTIKIN

— Já vou. Como todos me entediam! (A Andrei) Se me procurarem, Andriuchka, diga que voltarei logo. (Suspira) Ai, ai...

SOLIONII

— "Volta-se e estarrecido só diz 'ai': era um urso que o seguia..." (Acompanha-o) Por que suspira, velho?

TCHEBUTIKIN

— Ora!

SOLIONII

— Como vai a saúde?

TCHEBUTIKIN (ranzinza)

— Não é da sua conta!

SOLIONII

— Não precisa temer, velho. Não vou maltrata-lo, apenas matá-lo como a uma perdiz. (Tira do bolso o vidrinho de perfume e rega as mãos) Derrubei quase o vidro inteiro nas mãos e elas continuam fedendo. Cheiram a defunto... (Pausa) Sim...

Recorda estes versos de Lermontov? “E o rebelde busca a tormenta. Como se lá residisse a paz...”

TCHEBUTIKIN

— Sim... “E volta-se e estarrecido só diz ‘ai’: era um urso que o seguia.” (Saem os dois.

Ouve-se um grito “Ei”. Entram Andrei e Ferapont.)

FERAPONT

— Tem de assinar estes papéis...

ANDREI

— Deixe-me em paz! Deixe-me! Suplico-lhe! (Sai com o carrinho de bebê)

FERAPONT

— O papel existe para ser assinado. (Vai para os fundos da cena)

(ENTRAM IRINA E TUZENBACH; ESTE USA UM CHAPÉU DE PALHA. KULIGUIN ATRAVESSA A CENA E GRITA: “OI, MACHA, OI!”

TUZENBACH

— Acho que ele é a única pessoa na cidade que está feliz por que os soldados vão embora.

IRINA

— É compreensível. (Pausa) A cidade ficará às moscas.

TUZENBACH

— Minha querida, voltarei logo.

IRINA

— Aonde você vai?

TUZENBACH

— Tenho de ir à cidade... acompanhar os camaradas...

IRINA

— Isso não é verdade... Nikolai, por que você está perturbado hoje? (Pausa) O que aconteceu ontem diante do teatro?

TUZENBACH (com gesto impaciente)

— Daqui a uma hora estou de volta, para ficar de novo com você. (Beija-lhe a mão) Meu amor... (Contempla-lhe o rosto) Amo-a já há cinco anos, mas ainda não me acostumei com isso, e você a cada dia está mais bonita. Como os seus cabelos são maravilhosos, divinos! E os olhos! Amanhã viajaremos, vamos trabalhar, enriqueceremos, e os meus sonhos se tornarão realidade. Você será feliz. Só há um problema: você não me ama!

IRINA

— Isso não depende de mim! Serei sua mulher fiel e obediente, mas não estou apaixonada, e não tenho culpa disso! (Chora) Nunca na vida me apaixonei. Apenas sonhava com o amor, sonho há muito tempo, dia e noite, mas meu coração é como um piano caro que está trancado e cuja chave se perdeu. (Pausa) Como você está inquieto!

TUZENBACH

— Passei a noite em claro. Em minha vida nada há de terrível, de preocupante, apenas a chave perdida me atormenta a alma. É isso que me impede de pegar no sono. Diga-me algo... (Pausa) Diga-me algo...

IRINA

— O que quer que eu lhe diga?

TUZENBACH

— Qualquer coisa.

IRINA

— Chega! Chega! (Pausa)

TUZENBACH

— Na vida às vezes coisas à-toa, coisas insignificantes, sem mais nem menos adquirem importância. Rimos delas, como sempre fizemos, considerando-as idiotices, e no entanto continuamos a andar e sentimos como se estivéssemos sem forças para parar. Oh, não vamos falar disso! Estou alegre! Como se visse esses pinheiros, carvalhos e bétulas pela primeira vez. Tudo me olha com curiosidade e expectativa. Como essas árvores são bonitas, e como seria maravilhoso viver junto delas (Grito: “Ei!”) Tenho a impressão de que mesmo se morresse continuaria a

participar da vida de alguma maneira. Adeus, querida! (Beija-lhe as mãos) Os papéis que me entregou estão sobre a mesa, debaixo do calendário.

IRINA

— Vou com você.

TUZENBACH (alarmado)

— Não, de modo algum. (Sai apressado, para na alameda) Irina!

IRINA

— O quê?

TUZENBACH (não encontra o que dizer)

— Sabe, hoje eu nem tomei café... Peça para me prepararem um. (Sai rapidamente. Irina permanece parada, pensativa, depois se dirige ao fundo da cena e senta-se no balanço. Entra Andrei com o carrinho de bebê. Aparece Ferapont)

FERAPONT

— Andrei... Esses documentos não são meus, pertencem à repartição. Não fui eu que os inventei.

ANDREI

— Oh, onde está o passado, quando eu ainda era jovem, alegre e inteligente? Quando pensamentos e sonhos nobres me guiavam e a minha esperança iluminava o presente e o futuro? Por que será que mal começamos a vida e já nos tornamos enfadonhos, cinzentos, sem interesse, preguiçoso, indiferentes, imprestáveis, infelizes... A nossa cidade tem já duzentos anos, conta cem mil habitantes, mas não há um único ser que não se assemelhe aos demais, nunca houve um único herói, no passado e nem no presente, não há nenhum sábio, um único artista sequer, não há uma só pessoa merecedora de um mínimo de atenção, capaz de despertar a inveja ou um desejo apaixonado de imitá-la... Elas se limitam apenas a comer, beber, dormir... depois morrem... Nascem outras, que também comem, bebem dormem, e para impedir que o tédio as destrua diversificam a vida dedicando-se a mexericos venenosos, à vodca, às cartas e aos processos litigiosos, as esposas traem o marido e os maridos mentem, fingem não ver nem ouvir nada, e esse ambiente vulgar arruína as crianças; a centelha divina apaga e elas se convertem em cadáveres miseráveis, semelhantes entre si, como foram seus pais. (A Ferapont, irritado) Que diabo você quer?

FERAPONT

— O quê? São os papéis; tem de assiná-los

ANDREI

— Estou farto de você.

FERAPONT (entrega-lhe os papéis

— O porteiro da Secretaria de Finanças me disse agora mesmo que no inverno em São Petersburgo fez duzentos graus abaixo de zero.

ANDREI

— O presente é repugnante, mas apesar disso quando penso no futuro se transforma! Fica tudo tão leve, tão espaçoso; se ao longe rompe uma luz, vejo a liberdade, vejo a mim e a meus filhos nos livramos do ócio, do kvas, do ganso e do repolho, da sesta, da abjeta falta do que fazer...

FERAPONT

— Ele diz que ficaram congeladas mais de duzentas pessoas. O povo morria de medo... Foi em São Petersburgo ou em Moscou, já não sei mais...

ANDREI (comove-se)

— Oh, minhas irmãs queridas, minhas irmãs encantadoras... (Com lágrimas nos olhos) Macha, minha irmãzinha querida.

NATACHA (da janela)

— Quem está falando tão alto? É você, Andrei? Você vai acordar Sofotchka. Il ne faut pas faire du bruit, la Sopie este dormée déjà. Vous êtes un ours. (Irritada) Se quiser gritar, passe o carrinho para alguém. Ferapont, tomo o carrinho do patrão!

FERAPONT

— Sim, senhora. (Pega o carrinho)

ANDREI (desconcertado) — Estou falando baixinho.

NATACHA (da janela, acariciando o filho) — Bobik! Seu malandrinho! Seu desaforado!

ANDREI (folheia os documentos)

— Está bem, vou revisá-los, assiná-los, e depois você pode vir buscá-los. (Entra na casa folheando os papéis; Ferapont se dirige ao fundo, empurrando o

carrinho)

NATACHA (na janela)

— Bobik, diga: mamãe! Queridinho! E esta, quem é? É tia Olga! Diga: Alô, tia!"

(ENTRAM DOIS MÚSICOS AMBULANTES, UM HOMEM E UMA MOÇA; TOCAM VIOLINO E HARPA. SAEM DA CASA VERCHININ, OLGA E ANFISSA; POR UM MINUTO

ESCUTAM-NOS EM SILÊNCIO; IRINA JUNTA-SE A ELES)

OLGA

— Nosso jardim parece uma estrada, todos passam por aqui. Babá, dê algo a esses músicos.

(ANFISSA dá-lhes dinheiro)

— Deus os abençoe, pobrezinhos. (A dupla de músicos agradece e sai) Gente triste, não fazem isso por diversão. (A Irina) Bom dia, Aricha! (Beija-a) Oh, minha criança, você não imagina a boa vida que estou levando! No ginásio, num apartamento do Estado, junto com Olia, Deus cuidou de mim na velhice. Eu, pobre pecadora, nunca vivi assim... É um apartamento grande, do Estado, e eu tenho um quarto inteiro para mim e cama. Tudo é do Estado. Acordo no meio da noite e – Oh, Virgem Santíssima, não há no mundo pessoa mais feliz que eu!

VERCHININ (consulta o relógio)

— Logo partiremos, Olga, tenho de ir. (Pausa) Desejo-lhe tudo... tudo... Onde está Maria Serguêievna?

IRINA

— Está no jardim. Vou buscá-la.

VERCHININ

— Por favor. Estou compressa.

ANFISSA

— Eu vou procurá-la também. (Grita) Machenka! (Dirige-se ao jardim acompanhando Irina.) Ôoo!

VERCHININ

— Tudo tem seu fim. Agora vamos às despedidas. (Consulta o relógio) A cidade nos ofereceu um lanche, tomamos champanhe também, e o prefeito falou. Eu comia e ouvia em silêncio, mas a minha lama estava aqui entre vocês. (Passa os olhos pelo jardim) Acostumei-me muito a esta casa.

OLGA

— Voltaremos a nos ver um dia?

VERCHININ

— Provavelmente não. (Pausa) Minha esposa e minhas duas filhas ainda permanecerão aqui por mais dois meses. Peço-lhe que se acontecer alguma cosia, ou se elas precisarem...

OLGA

— É claro. Pode ficar tranquilo. (Pausa) Amanhã não restará um único soldado na cidade, tudo se transformará em lembrança, e para nós, naturalmente, começará uma vida nova... (Pausa) Nem tudo acontece como nós gostaríamos. Não quis ser diretora, no entanto acabei sendo. Eu certamente não irei a Moscou...

VERCHININ

— Bem... Agradeço por tudo... perdoe-me se porventura algo...Falei muito...demasiado... me perdoe por isso, e não me queira mal.

OLGA (enxuga os olhos) — Onde está Macha?

VERCHININ

— Que mais posso dizer como despedida? Filosofar sobre o quê (Ri) A vida é difícil. A muitos parece ser sem sentido, mas devemos reconhecer que a cada dia ela se torna mais clara e leve, e parece já não estar muito longe o momento em que ela se tornará totalmente clara (Consulta o relógio) Tenho de ir, está na hora. Antes a humanidade vivia em função das guerras, toda a sua existência era ocupada com marchas, assaltos, vitórias. Agora que isso acabou, ficou um enorme espaço vazio que ainda não sabemos como preencher; a humanidade busca com ardor, e naturalmente entornará aquilo que procura. Oh, que seja o quanto antes! (Pausa) Sabe, se a dedicação ao trabalho se juntar à cultura, e se a cultura se juntar à dedicação ao trabalho... (Consulta o relógio) Porém, já está na hora...

OLGA

— Ela está chegando.

(ENTRA MACHA)

VERCHININ

— Vim me despedir. (Olga se afasta um pouco para não atrapalhar a despedida.)

MACHA (olha-o no rosto)

— Adeus... (Longo beijo)

OLGA

— Já chega...

(MACHA SOLUÇA CONVULSIVAMENTE)

VERCHININ

— Escreva-me... Não se esqueça de mim...Deixe-me... tenho de ir... Olga, leve-a daqui, eu já... tenho de ir...estou atrasado... (Beija , comovido, as mãos de Olga, abraça Macha mais uma vez e sai rapidamente)

OLGA

— Não chore, Macha, não chore... querida... (Entra Kuliguin)

KULIGUIN (embaraçado)

— Deixe-a chorar... Deixe... Minha boa e querida Macha, você é minha mulher e eu estou feliz apesar de tudo... Não me queixo e nem lhe farei recriminações... Olga é testemunha... Recomeçaremos a nossa vidinha de antigamente e não lhe direi uma única palavra, não farei a menor alusão, nunca...

MACHA (reprime os soluços)

— "À beira-mar há um carvalho... uma corrente de ouro pende de seus galhos... uma corrente de ouro pende de seus galhos..." Vou enlouquecer! À beira-mar... há... um ... carvalho..."

OLGA

— Acalme-se, Macha... Acalme-se... Dê-lhe água!

MACHA

— Já não choro.

KULIGUIN

— Ela já não chora. É uma boa mulher. (Um tiro ao longe)

MACHA

— À beira-mar há um carvalho... uma corrente de ouro pende de seus galhos... À beira-mar acorrente de ouro... o carvalho...” Estou louca! (Bebe água) Ai, que vida infeliz é a minha...Já não quero mais nada...logo me acalmarei... Tanto faz... Por que esses versos me atormentam? Meus pensamentos se confundem.

(ENTRA IRINA)

OLGA

— Acalme-se, Macha... Assim... Agora você está sendo inteligente... Vamos para o quarto.

MACHA (irada)

— Não vou entrar. (Soluça, mas se contém na mesma hora.) Não entrarei mais nesta casa.

IRINA

— Vamos sentar, e pelo menos fiquemos em silêncio juntas, pois amanhã eu viajo... (Pausa)

KULIGUIN

— Ontem tomei de um aluno malcomportado de terceira série esta barba e estes bigodes.

(Coloca-os no rosto) Pareço o professor de alemão. (Ri) Como são malandros esses alunos, não é mesmo?

MACHA

— Olhe só, não é que parece mesmo como professor de alemão?

OLGA (ri)

— Sem tirar nem pôr.

(MACHA CHORA)

IRINA

— Não chore, Macha.

KULIGUIN

— Igualzinho.

(ENTRA NATACHA)

NATACHA (à criada)

— Entendeu? O senhor Protopopov ficará com Sofotchka e Andrei irá levar Bobik para passear. Quanto aborrecimento causa uma criança... (A Irina) Irina... Você viaja amanhã que pena! Fique pelo menos mais uma semana (Repara em Kuliguin e solta um grito; este ri e tira o bigode e a barba.) Ai, como me assustou! (A Irina) Acostumei-me com você e não me será fácil a separação.

Colocarei Andrei no seu quarto, lá ele poderá tocar violino à vontade. E o quarto dele será de Sofotchka. É uma menina encantadora. Ela me olhou hoje com aqueles olhinhos e disse: mamãe!

KULIGUIN

— De fato, é uma ótima criança.

NATACHA

— Então amanhã estarei sozinha aqui. (Suspira) Antes de mais nada mandarei cortar os abetos da alameda, depois esse álamo aqui... À noite são tão feios... (A Irina) Querida, esse conto não lhe fica bem... É simplesmente de mau gosto. Devia usar algo mais claro. E aqui plantarei flores por toda parte, flores bonitas e perfumadas (Em tom severo) Quem deixou esse garfo aqui no banco... pergunto eu? (Entra na casa; à criada) O que faz o garfo no banco (Grita) Cale a boca!

KULIGUIN

— Já começou! (Da rua chega o som de uma banda militar. Todos ficam escutando)

OLGA

— Estão indo embora.

(ENTRA TCHEBUTIKIN)

MACHA

— Os nossos vão embora. O que se pode fazer... Boa viagem! (Ao marido) Vamos para casa... Onde está meu chapéu e o casaco?

KULIGUIN

— Levei-os para dentro da casa... Já lhe trago.

OLGA

— Sim, já está na hora de ir para casa.

TCHEBUTIKIN

— Olga Serguêievna!

OLGA

— O que é (Pausa) O que é?

TCHEBUTIKIN

— Não é nada... Não sei como dizer... (Segreda-lhe algo no ouvido)

OLGA (Aterrorizada) — Não é possível!

TCHEBUTIKIN

— É isso... Uma história idiota... Estou cansado e enjoado e não quero dizer mais nada.

(Zangado) Mesmo porque tanto faz!

MACHA

— O que aconteceu?

OLGA (abraça Irina)

— Que dia terrível, hoje. Não sei como lhe dizer, querida...

IRINA

— O que é? Digam-me depressa: o que aconteceu? Santo Deus! (Desata a chorar)

TCHEBUTIKIN

— O barão acaba de morrer num duelo.

IRINA (chora baixinho) — Eu sabia, eu sabia...

TCHEBUTIKIN (senta-se num banco fundo)

— Estou cansado. (Retira do bolso um jornal) Que chore... (Cantarola em voz baixa)

Trarará-tchim-bum... Além do mais, tanto faz! (As três irmãs, de pé, abraçam-se.)

MACHA

— Oh, como soa a música! Eles vão embora, um já se foi completamente... Completamente e para sempre. E nós ficaremos sozinhas, e recomeçaremos a vida. É preciso viver... É preciso viver...

IRINA (inclina a cabeça sobre o peito de Olga)

— Chegará o dia em que todos saberemos o porquê de tudo isso, por que todo esse sofrimento, e então não haverá mais mistério...Porém, até então temos de viver e trabalhar. Trabalhar sempre! Amanhã viajarei sozinha... irei à escola, ensinarei e dedicarei a vida àqueles que talvez precisem dela. Estamos no outono; logo chegará o inverno, a neve cobrirá tudo, e eu seguirei trabalhando, trabalhando sempre...

OLGA (abraça as duas irmãs)

— A música está tão alegre, tão animada, me dá uma vontade imensa de vire! Ai meu Deus! O tempo vai passando, nós partiremos, e seremos esquecidos para sempre. Esquecerão nosso rosto, nossa voz e também quantos éramos, porem o nosso sofrimento se transformará em alegria para aqueles que virão depois de nós, a felicidade e a paz reinarão sobre a terra, e as pessoas se lembrarão com gratidão daqueles que vivem agora, e os abençoarão. Oh, queridas irmãzinhas, a nossa vida ainda não chegou ao fim. Viveremos! A música soa tão alegre, tão cheia de felicidade! E parece-me que logo saberemos por que vivemos, por que sofremos... Ai, se soubéssemos por quê. Se soubéssemos por quê!

(A MÚSICA VAI DIMINUINDO CADA VEZ MAIS. KULIGUIN, SORRIDENTE E ALEGRE, TRAZ O CHAPÉU E O CASACO, ANDREI EMPURRA O CARRINHO DE BEBÊ ONDE BOBIK ESTÁ SENTADO.

TCHEBUTIKIN (canta à meia voz)

— "Trarará-tchim-bum... agarrei-me num poste..." (Lê o jornal) Tanto faz! Tanto faz!

OLGA

— Se soubéssemos, por quê, se soubéssemos por quê!

CORTINA FINAL

Distribuído através do site www.oficinadeteatro.com